|  |
| --- |
| **AUDIÊNCIA PÚBLICA SOBRE O CASO DE RUY CARLOS VIEIRA BERBERT** **COMISSÃO DA VERDADE****PRESIDENTE****DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT****06/12/2013** |

**COMISSÃO DA VERDADE**

**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.**

**06/12/2013**

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, 103ª audiência pública, 6 de dezembro de 2013, Auditório Teotônio Vilela. Está instalada a 103ª audiência pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva. Dia 6 de dezembro de 2013, às 14 horas, Auditório Teotônio Vilela, para a oitiva de depoimentos sobre o caso Ruy Carlos Vieira Berbert.

Esclarecemos que a Comissão da Verdade pretende realizar todas as audiências abertas ao público. Então, vamos fazer a composição da Mesa. Queria pedir para a irmã do Ruy, a Regina, vir para cá, para a Mesa, para compor a Mesa, sentar aqui. O Rodrigo filho da Regina, sobrinho do Ruy sentar nessa outra poltrona. O Luiz Dagobert Roncari que à época tinha banca de livros lá do CRUSP, professor de Letras, ao lado da Regina, nossa querida amiga Aninha Corbisier, à época militante do MOLIPO ao lado do Rodrigo, o Dácio Antonio de Castro Cruz Piano, deu aula com o Ruy no cursinho do Colégio, do Cursinho Santa Inês, e meu amigo, meu irmão Kiyoshi Kadikaru, amigo do Ruy lá de Regente Feijó.

Montou a Bancada? Está todo mundo aí? Só falta o Kiyoshi. Isso, Kiyoshi senta lá do lado da Aninha Corbisier. Quem vai ler o testemunhal do Ruy?

**O SR.** RICARDO KOBAYASHI - Eu.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Viu, Rodrigo, depois a gente vai, ah! Está aqui, acompanha você Rodrigo, este testemunhal que a gente tem, que é meio caminho andado e depois é só você terminar aquele texto. Só tem uma cópia, mas vai ser lido, Kobayashi com a palavra, lendo o memorial.

**O SR. RICARDO KOBAYASHI** – Boa tarde a todos e todas. Eu passo agora à leitura do memorial de Ruy Carlos Vieira Berbert.

“Nasceu em 16 de dezembro de 1947, em Regente Feijó, São Paulo, filho de Ruy Thales Jaccoud Berbert e Ottília Vieira Berbert. Desapareceu em 2 de janeiro de 1972. Era militante do Movimento de Libertação Popular, MOLIPO. Ruy Carlos era estudante do curso de Letras da USP e residia no CRUSP. Militante do movimento estudantil, participou do 30º Congresso da UNE, quando foi preso, em outubro de 1968.

Havia poucas informações a respeito do desaparecimento de Ruy. Sua morte e as de mais outros 11 desaparecidos foram confirmadas pelo General Adyr Fiúza de Castro, quando declarações suas foram publicadas em *off* em matéria do jornalista Antônio Henrique Lago na “Folha de São Paulo” em 28 de janeiro de 1979.

Fiúza de Castro foi criador e primeiro chefe do CIE, chefe do DOI-CODI do I Exército, comandante da PM do Rio de Janeiro e da VI Região Militar.

Em meados de junho de 1991, Hamilton Pereira, membro da Comissão Pastoral da Terra e ex-militante da ALN, entregou o atestado de óbito de *João Silvino Lopes*, datado de 2 de janeiro de 1972, no qual consta seu suicídio, em Natividade, Tocantins, na época Estado de Goiás, à Comissão de Investigação das Ossadas de Perus 261/90, criada pela então prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, para acompanhar a identificação das 1.049 ossadas encontradas na vala clandestina do Cemitério Dom Bosco, em Perus, na cidade de São Paulo.

Havia a probabilidade de João ser um militante desaparecido. Esse nome não constava na lista dos desaparecidos políticos. Caso fosse um nome falso, seriam necessárias mais informações para identificá-lo.

Em janeiro de 1992, quando a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos teve acesso aos arquivos do DOPS de São Paulo, encontrou uma relação de nomes, elaborada a pedido do Delegado Romeu Tuma, intitulada 'Retorno de Exilados'.

Nessa relação, consta o nome de Ruy Carlos Vieira Berbert com as seguintes observações, 'preso em Natividade, suicidou-se na Delegacia de Polícia, em 2 de janeiro de 1972'. Concluiu-se, então, que João Silvino Lopesera o nome falso de Ruy Carlos. A Comissão de Familiares solicitou ajuda à Comissão de Representação Externa da Câmara Federal, responsável pela questão dos desaparecidos políticos, para investigar a verdadeira identidade do morto em Natividade.

Organizou-se uma caravana integrada pelo Presidente da Comissão de Representação, o Deputado Federal Nilmário Miranda do PT de Minas Gerais, pelo Deputado Federal Roberto Valadão do PMDB do Espírito Santo, por Idibal Piveta, advogado da família de Ruy Carlos e representante da OAB de São Paulo, por Hamilton Pereira, da Comissão Pastoral da Terra de Goiás, e por Suzana Keniger Lisbôa, da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos.

Os integrantes da caravana tomaram os depoimentos de populares que presenciaram os fatos da época. Foram entrevistados alguns moradores, funcionários públicos e membros da PM local, que confirmaram que Ruy Carlos e João Silvinoeram a mesma pessoa.

Identificado o possível local do sepultamento, foi encaminhado à Justiça pedido para reconstituição de identidade e posterior exumação e traslado dos restos mortais. Contatos com o prefeito e o governador do Estado foram feitos para serem providenciadas as medidas necessárias para a guarda da sepultura localizada.

Em 30 de junho de 1992, a Juíza de Direito da Comarca de Natividade, Sarita Von Roeder Michels, concluiu os termos de retificação da Certidão de Óbito, requerida por Ruy Jaccoud Berbert, pai de Ruy Carlos. O parecer da juíza afirma:

*'*A documentação acostada aos autos não deixa quaisquer dúvidas de que Ruy Carlos Vieira Berbert seja a mesma pessoa que foi morta na cadeia pública desta cidade de Natividade, foi sepultada no Cemitério local e cujo óbito lavrou-se em nome de João Silvino Lopes'.

Em seguida, encaminhou o cancelamento do registro de óbito em nome de João Silvino Lopes e foi lavrado novo assento que registra o óbito de Ruy Carlos Vieira Berbert, falecido em 2 de janeiro de 1972, às 3 horas, na cadeia pública da Praça Senador Leopoldo de Bulhões.

Ruy foi enterrado no mesmo dia e horário de um conhecido morador, sendo seu enterro acompanhado por dezenas de populares. Seu corpo, entretanto, não pôde ser localizado, apesar das tentativas realizadas pela equipe do Departamento de Medicina Legal da Unicamp, chefiada por Fortunato Badan Palhares.

Em 19 de maio de 1993, em Jales, interior de São Paulo, uma urna funerária contendo apenas seus pertences, que cuidadosamente seu pai guardara durante todos aqueles anos, foi depositada no jazigo da família Berbert, simbolizando o enterro de Ruy Carlos, pouco mais de 20 anos após sua morte.

A seguir, o depoimento sobre sua biografia escrito por sua mãe, Ottília.

'Ruy Carlos tinha uma única irmã, Regina Maria Berbert Pereira. Ele passou a adolescência em sua terra natal, sempre foi uma pessoa tranquila e bondosa, especialmente para sua família.

Ao concluir o Curso Científico, deixou sua cidade seguindo para São Paulo com o intuito de se preparar para o vestibular e conseguiu, para tal, bolsa de estudos integral. E venceu essa etapa na vida estudantil conseguindo ser aprovado na PUC e na USP, com distinção. Com o resultado dos vestibulares, optou pelo seu ingresso na USP, no curso de Letras.

Porém, após um ano, trancou a matrícula e começou a ministrar aulas em cursinhos populares entre outros, no Capi-Vestibulares, na Av. São João, e também num cursinho da Liberdade. Neste ínterim, iniciou seu envolvimento nas atividades políticas estudantis. Após a sua prisão no Congresso da UNE, em Ibiúna, retornou à sua terra natal, permanecendo uns 15 dias e voltando logo em seguida para o Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo, CRUSP, onde morava, continuando a sua participação nos movimentos estudantis, até que, por motivos óbvios, se retirou do país.

Logo após sua saída do país, no final de 1969, em dezembro, recebemos uma carta da Europa na qual reconhecemos a letra dele. Porém, percebia-se claramente que, por motivos de força maior, dizia estar como turista pelo velho mundo, que estava bem, mas que seria muito difícil nos escrever sempre. Meses após recebemos um bilhetinho escrito às pressas e falando apenas que estava bem e que pensássemos sempre nele com carinho.

A partir daí saíram algumas notícias na imprensa sobre ele, tais como, em 25 de novembro de 1978, 'Folha de São Paulo' - *O Congresso Nacional pela Anistia divulgou uma lista de 37 nomes de pessoas mortas e desaparecidas a partir de 1964 e nela constava o nome de Ruy Carlos como desaparecido em dezembro de 1969*.

No dia 28 de janeiro de 1979 também na 'Folha de São Paulo' - *13 nomes de desaparecidos, cujas fichas estavam no necrotério de um órgão de segurança em dezembro de 1973 e que são dados como desaparecidos pelas famílias e organizações de defesa dos direitos humanos; consta que o desaparecimento de Ruy Carlos está ainda em investigação*.

 Dia 03 de agosto de 1979, no 'Correio da Manhã' *Rio - Noticia - uma lista de 14 nomes com este título 'Estes desaparecidos foram mortos'. Entre esses nomes estava o de Ruy Carlos.*

Em 18 de agosto de 1979 no jornal 'O Estado de S. Paulo' -  *O Dr. Idibal Piveta envia carta ao Ministro da Justiça, Petrônio Portela, solicitando informação de Ruy Carlos e outros*.

Em 29 de setembro de 1979 - 'Folha de S. Paulo' - *O Juiz Antônio Carlos de Seixas Teles anistiou várias pessoas condenadas por atividades estudantis contra a segurança nacional e entre elas estava o nome de Ruy Carlos*.

Em 01 de agosto de 1991 'Diário Popular' *noticia trabalho feito em Curitiba pela Comissão Especial de Investigação, onde foram encontradas fichas de 17 desaparecidos em um arquivo de aço com a identificação 'falecido' constando o nome de Ruy Carlos*.

Após este histórico sobre a vida de Ruy Carlos, gostaria de mostrar a luta constante pela qual passamos na busca incerta da solução de um passado certo. Apesar dos fatos comprovarem a quase certeza de sua morte, nós vivemos mais de uma década com a esperança e o sonho de vê-lo novamente.

A partir do momento em que tivemos a certeza de que ele não voltaria mais, passamos a viver momentos ainda mais angustiantes e mais uma década se passou. Hoje, o nosso maior sonho é conseguir dar para Ruy Carlos um lugar digno de grande herói que foi. É esta a nossa última e grande esperança.

Se assim o conseguirmos, não olvidaremos jamais a grande luta dos amigos e, porque não dizer irmãos, que lutam e lutaram para a elucidação de uma época tão negra para nós. Esperamos que a História nunca se esqueça de mencionar esses jovens heróis, muitas vezes anônimos para a maioria da população alienada a respeito dos acontecimentos passados.

Todavia, para nós, Ruy Carlos Vieira Berbert não é um herói anônimo, pois, além de dar a sua contribuição para as grandes transformações sócio-políticas brasileiras, nos é lembrado como um filho digno das mais belas recordações, como um ser humano maravilhoso que foi, jovem, belo, inteligente, honesto e carinhoso que soube lutar pelos seus ideais.'

Entre os vários documentos policiais encontrados sobre Ruy há o relato do Delegado Pedro Soares Lopes, da Delegacia Especial de Polícia de Natividade ao Juiz no dia 10 de janeiro de 1972.

Ali o delegado diz que prendeu *João Silvino Lopes* em 31 de dezembro de 1971 e com ele apreendeu revólver, balas, canivete e uma granada. Mantido preso por se tratar de elemento subversivo, foi encontrado morto em sua cela, na madrugada de 2 de janeiro de 1972, teria se enforcado.

Em Cuba, realizou treinamento de guerrilha e em meados de 1971, retornou ao Brasil clandestinamente como militante do MOLIPO. Segundo o livro 'Direito à Memória e à Verdade', os órgãos de segurança tinham informação de que Ruy e seus companheiros Arno Preis, Jeová Assis Gomes e outros teriam chegado ao norte de Goiás, após tentarem fixar-se na Bahia, próximos ao Rio São Francisco.

Ruy e Boanerges de Souza Massa teriam passado um período na região de Balsas no Maranhão, onde de lá se dirigem a Goiás. Foi condenado, Luiz Carlos, desculpa, Ruy Carlos foi condenado à revelia a 21 anos de reclusão pela 2ª Auditoria da Justiça Militar, em São Paulo, embora já estivesse morto.

Nos arquivos da ABIN, hoje guardados no Arquivo Nacional, consta foto parcial de seu corpo. A Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos não conseguiu obter uma cópia e, portanto, não pôde submetê-la a exame de peritos confiáveis.

A cidade do Rio do Janeiro rendeu-lhe homenagem, dando seu nome a uma rua. Em Presidente Prudente, no interior de São Paulo, há uma escola pública com o seu nome.

Seu nome está incluído na lista de desaparecidos políticos do anexo I, da lei 9.140/95”.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Então vou passar a palavra para a Regina, irmã do Ruy. Vocês vieram de Votuporanga, não é?

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Jales.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Jales. Então, agradecemos esse esforço, esse deslocamento da família. Regina fique à vontade.

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Boa tarde a todos. Em primeiro lugar, gostaria até de pedir desculpas a todos pela emoção, por tudo, não é? Que nós já passamos e ainda estamos passando.

Então, para mim realmente se torna muito difícil fazer um depoimento, só que hoje eu estou realmente muito feliz por conhecer várias pessoas, não é? Que conviveram com o Ruy Carlos, de rever a Amelinha, de rever o Kiyoshi que é nosso amigo de infância, certo? Conhecer a Ana, conhecer a Zilda, não é? E muitos outros que aqui estão presentes. Então, isso realmente para mim é uma grande alegria.

Ouvindo esse depoimento que foi dito agora, eu realmente não tenho muito a acrescentar porque nós, como família, tudo o que está aqui é o que nós realmente sabíamos. Tem muita coisa que nós não tínhamos nenhum conhecimento da vida do Ruy Carlos que vocês aqui, os amigos, não é? Os companheiros de faculdade, a Amelinha, não é? Sempre dentro do processo histórico que participaram muito mais. Porque nós tivemos mais aquela vida sofrida realmente da família.

Então é isso mais que realmente eu posso transmitir para vocês e agradecer a todos que mesmo nós, atualmente morando em Jales que é a família do meu marido, a 600 km daqui, hoje com a ajuda do meu filho, certo? Ele está contribuindo e muito e procurando ajudar a todos naquilo que ele se sente assim, muito realmente, orgulhoso daquilo que o tio foi, certo?

Então, a lembrança que eu tenho do meu irmão é aquilo que realmente aqui foi dito. Aquele rapaz inteligente, bonito, de uma, de ideais, de bons valores, que foi aquilo que sempre meus pais procuraram nos transmitir.

E depois, durante toda a vida estudantil dele, nós pouco soubemos. O pouco que nós soubemos foi através da imprensa e depois com a parte da Amelinha, da Suzana, do Ivan que nós voltamos a ter conhecimento, não é? E agora novamente, esta participação na Comissão da Verdade que a gente procura realmente tentar alguma coisa.

Então, o que eu gostaria realmente de pedir, como foi dito aqui, quando fizemos o enterro simbólico, são palavras do meu pai já falecido há 13 anos, que ele disse que ele havia tirado um sapo da garganta dele. Então, lá no cemitério de Jales, não é? Que é onde nós residimos hoje, tenho o túmulo onde está enterrado aquilo que de importante nós tínhamos dele, numa urna. Então para nós, para a família foi realmente tirar um sapo da garganta, que aquilo lá estava segurando a gente.

Depois conseguimos, não é? O atestado de óbito com o nome falso e depois o nome verdadeiro. Só que ainda nós temos, não é? Um sapo ainda, meu pai já está em uma outra vida sabe, mas ele estava olhando por nós lá, mas nós ainda temos um sapo na garganta que é sabermos realmente o que aconteceu com ele. De que maneira ele foi morto? E tirarmos então desse atestado de óbito que Ruy Carlos foi um suicida, que todos nós sabemos que ele não foi um suicida.

Então é isso que a família realmente quer, e o agradecimento a todos vocês. E desculpe porque realmente a emoção me pega bastante, então eu fico com dificuldade de colocar as minhas palavras. O meu agradecimento a todos vocês e Deus abençoe a todos pelo trabalho digno que todos vocês fazem. Muito obrigada por tudo.

(Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Rodrigo, quer dar uma palavrinha?

**O SR. RODRIGO BERBERT PEREIRA** - Boa tarde. Vou começar pelas palavras da minha mãe que falou que não tem muito a acrescentar,

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Rodrigo, o sobrinho do Ruy.

**O SR. RODRIGO BERBERT PEREIRA** – Até porque não convivi pessoalmente com ele, não tive essa oportunidade, não tive esse prazer, mas desde criança, no meu lar ali, com meus pais, tudo, já ouvi falar o que foi meu tio Ruy Carlos, ditadura militar, e até sabemos que isso na escola não é ensinado. Meus colegas, a maioria dos meus amigos não sabem realmente o que foi a ditadura militar.

Eu tive esta oportunidade, eu tive este prazer de saber o que é a fundo realmente. Agora com a minha formação tudo, que despertou um pouco mais de mim, querer realmente devolver a realidade para a família, para constar na certidão de óbito como que minha mãe falou, que ele não foi um suicida, que realmente mataram ele nos porões da ditadura.

E, mais ou menos o meu ideal começa quando, mais uma curiosidade. Começa quando eu fazia um cursinho e, uma menina ao meu lado perguntou por que a Constituição de 1988 era tão detalhada. Porque que tinha escrito em todos os incisos, em todos os artigos que podia fazer reuniões públicas, que você podia ter liberdade de expressão, que você podia falar mal do governo, que você tinha seus ideais e que nada podia acontecer.

E fiquei curioso por ela estar perguntando isso, mas aí a fundo eu fui ver realmente que acho que 90% do pessoal que estava ali sentado ao meu lado não sabiam o porquê que estava escrito aquilo. Eu vi que uma parcela daquilo, do porquê estar escrito realmente foi uma, um ideal que meu tio teve. E por essa questão do que ele lutou que eu acredito que esse trabalho, pouco que eu estou fazendo, mas já é o bastante para mim e para a Família Berbert aí, é isso.

(Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Deixa eu voltar, ainda agora que passou a emoção inicial de começar a falar, Regina, vocês nasceram em Osvaldo Cruz?

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Em Regente Feijó.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Regente Feijó?

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Regente Feijó.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Então fala um pouquinho da vida de vocês, porque depois vai entrar, embora o Kiyoshi também saiba. Então eu vou passar para o Kiyoshi e vocês, desculpe, Kiyoshi.

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Prezado Deputado Adriano Diogo, meu colega de escola da Universidade de São Paulo. Eu me formei em 1969, foi, estudei de 1966 a 1969, foi exatamente o período mais pesado da ditadura. Foi a época em que a repressão militar cresceu muito e a gente, estudante, a gente era alvo de perseguição por parte do, da ditadura, do governo militar da época, não é?

Bom, eu gostaria até de lembrar aqui que essa Comissão da Verdade, ela tem trazido coisas importantíssimas. Em outubro, acho que foi no dia 26, eu participei aqui de uma plenária sobre a repressão sobre os nikkeis no Brasil.

Realmente em 1946 houve uma repressão muito grande em cima dos nikkeis, houve uma espécie assim de uma divisão da colônia japonesa, e eu estou dizendo isso pelo seguinte, eu nasci em Marília e fui criado em Regente Feijó, nas proximidades de Regente Feijó.

Eu nunca entendi porque é que com 6 meses de idade meu pai saiu de Marília e foi se interiorizar na região de Presidente Prudente que era uma região inóspita na época, era uma região que estava sendo desbravada ainda. E, a partir de a Comissão ter levantado aquelas questões do Shindo Renmei foi que eu comecei a fazer as ligações e entender que a minha família, ela na verdade era da facção conformista e eram perseguidos pelos vitoristas. E por isso tivemos que sair de Marília e o meu pai levou a gente para Nova Pátria. A Nova Pátria ficava aí uns 80 km de Presidente Prudente.

O meu trabalho quando era criança, eu tinha 5 anos, 6 anos, era levar almoço, o almoço para o meu pai na roça, e naquela região lá tinha sido desmatado o terreno. Era um, terra bruta, era floresta naquela região. E meu pai desmatou a roça dele e eu tinha que levar almoço. E eu lembro direitinho que levava uma marmita, era um caldeirãozinho com uma tampa, um elástico para segurar a tampa, para a tampa não cair e uma garrafinha de água que era uma garrafinha de refrigerante com café.

E eu tinha que passar pela mata queimada, não é? E quando voltava eu voltava todo sujo de carvão e eu pensava "como é que meu pai foi colocar a gente em um lugar assim, tão inóspito, no meio de um mato tão grande" e agora a gente, não tinha escola, não tinha nada na região, não é? Depois dessa reunião da Comissão mostrando essa questão dos perseguidos entre os próprios japoneses...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Fala mais perto do microfone.

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Os próprios japoneses, fizeram essa, tiveram essa divisão de vitoristas e derrotistas, e que a gente, aí que eu fui entender o porquê meu pai migrou para o interior de São Paulo, lá para a Região de Presidente Prudente. Quando chegamos na época de escola, no primário nós viemos para Regente Feijó e eu já tinha 6 anos e foi aí que eu conheci o Ruy.

O Ruy nasceu em Regente Feijó em dezembro e eu tinha nascido em Marília em agosto de 1946 e o Ruy nasceu em 1947, ele tinha, ele era um ano mais novo que eu.

Bom, eu estou lembrando esse negócio do caso do nikkeis que tinham esta questão porque, para esclarecer que os governos eles oprimem a gente. Desde criança a gente não sabe por que passava por aquelas questões, aquelas situações difíceis, mas hoje dá para se entender que, por exemplo, o japonês quando foi, migrou para o Brasil ele foi, ele veio para substituir a mão de obra escrava, e quando, na primeira migração vieram para o Brasil os primeiros, a maior parte dos migrantes eram de Okinawa. Okinawa era uma ilha que foi ocupada pelos japoneses, ou seja, os primeiros migrantes japoneses para o Brasil, uma boa parte era de Okinawanos.

O Japão pretendia crescer, tinha, achava que tinha uma população muito grande, que não podia tomar conta de toda aquela população, então começou a incentivar que essa população migrasse para outros países e o Brasil foi um deles.

Eu conto isso também porque foi por essa migração ao Brasil que meu pai fez e depois pela migração que ele fez para o interior por causa da divisão da colônia japonesa, e depois quando a gente começou a querer ir para a escola a gente voltou a migrar de novo para Regente Feijó para a gente poder estudar, e aí então, foi a época que a gente entrou em contato com a família Berbert e eu conheci o Ruy. E a gente desde a infância, conheço a Regina, o irmão dela, a Dona Ottília é minha madrinha, o Sr. Ruy Jaccoud Berbert é meu padrinho de batismo.

Eu estava saindo do grupo e para receber o diploma eu tinha que fazer a primeira comunhão. Para fazer a primeira comunhão eu tinha que ser batizado, e foi aí que eu percebi que eu era pagão.

(Risos)

Eu não tinha religião. Eu não, ninguém me ensinou a ir à igreja. A gente ia na igreja por quê? Porque o treinador de futebol da gente, ele era muito ligado à Igreja, ele era Marista e ele obrigava a gente ir à missa para depois jogar futebol. Então a gente ia à missa para poder jogar futebol.

O Ruy Carlos, a gente jogava futebol na rua, jogava futebol nos campos, nos arredores de Regente, a gente ia pescar, ia nadar nos riachos que tinha lá nos arredores da cidade, e eu me lembro direitinho que uma vez o Ruy ganhou uma bicicleta, uma bicicleta Monark verde. Naquela época muito pouca gente tinha uma bicicleta. Então ele ganhou esta bicicleta e ele ficava querendo fazer alguma coisa, só andar para cima e para baixo já não estava satisfazendo mais o Ruy.

Então ele falava, “eu vou lá para a minha casa porque eu vou falar para a minha mãe se ela não quer que eu vá fazer alguma compra. Talvez ela queira que eu vá comprar feijão ou comprar uma carne no açougue. Então eu vou lá para minha casa e vou conversar com a minha mãe”. E lá ia o Ruy de bicicleta e voltava para ir para o açougue, não é?

Naquele tempo a gente não carregava dinheiro no bolso, a gente nem tinha roupa com bolso, não é? Usava um short assim, não tinha bolso, não tinha nada, perdia dinheiro, criança naquela época perdia dinheiro. Então a gente, na verdade tinha uma carteirinha, tinha caderneta lá no armazém e o *seu* Ferreira marcava lá o quilo de arroz, e a gente trazia o arroz. O *seu* Virgílio marcava o pão e a gente trazia o pão para a casa. A gente não via dinheiro, não tinha dinheiro, tinha a carteirinha onde o pessoal anotava e no fim do mês o pai da gente ia lá pagar as coisas.

Pois bem, o Ruy no primário, no Grupo, eu, como era um ano mais velho, estava numa classe diferente. Aí, um determinado tempo lá eu perdi um ano e aí ele ficou junto comigo, ele me alcançou. Quando chegamos no ginásio ele já estava junto comigo.

No ginásio ele sempre se destacou por ser bom em redação. Ele escrevia as redações dele e a professora sempre elogiava e às vezes ela até lia a redação que o Ruy tinha escrito, lá na frente sabe? Para todo mundo e então ele era referência para a gente, para escrever, fazer redações e contos. Ele gostava muito disso e ele era muito bom nessa área aí.

Mais adiante ele foi fazer o clássico, não é? Ele fez também a escola normal e a gente foi fazer o cientifico. A gente foi para a área científica e ele foi para a área de humanas.

Então a gente ficou mais ou menos uns 3 anos de colégio afastados um pouco, mas mesmo assim a gente estava sempre jogando futebol junto, a gente, sempre nos finais de semana a gente se juntava e ia jogar futebol, à noite ia passear na praça da cidade, e esse convívio com o Ruy foi muito interessante porque ele realmente era boa pinta, falador. Ele estava sempre bem arrumadinho, sempre bonito. Ele também era um pouquinho, era como se diz, vaidoso, não é? Sempre penteadinho e tal.

O Ruy gostava de jogar basquete, coisa que ele fazia e a gente não podia porque a gente era baixinho, não é? Ele não, ele tinha 1,75m, 1,75 e pouco, ele era alto. Então, quando ele era, bom quando era jovem, não é? O Ruy gostava de basquete, jogava basquete.

Bom, terminando o colégio, a gente tinha que estudar o colégio em Presidente Prudente, em Regente Feijó a gente só tinha até o ginásio. Fazia o Grupo, o ginásio, mas tinha um intermediário que seria a escola normal, a formação de professores primários, não é? E depois tinha uma escola de contabilidade. Isso para a gente não interessava, a gente queria fazer o colegial, queria fazer o científico ou o clássico em Prudente e ele fez o clássico e a gente fez o científico.

Nesse período aí foi de 1963 até 1965, a gente estudou em Presidente Prudente. Em 1965, em dezembro eu vim para São Paulo, vim fazer o vestibular. Quando eu cheguei em São Paulo, em dezembro, eu tinha um primo meu que dava aula no cursinho do Grêmio e nesse cursinho do Grêmio eu recebi uma bolsa de 100%, uma bolsa integral. Fiz um curso de 2 meses, de dezembro a janeiro, prestei o vestibular em fevereiro para geologia, o curso de geologia e passei em penúltimo lugar.

Logo em seguida o Ruy chegou em São Paulo e eu já estava no primeiro ano e o meu trabalho era o seguinte, eu trabalhava no cursinho e meu trabalho era fazer propaganda do cursinho nos colégios. Então como eu tinha aula em período integral eu trabalhava à noite. Passava no cursinho, pegava lá as apostilas, pegava os caderninhos de propaganda e ia nos colégios à noite e marcava com o diretor previamente e fazia uma apresentação para alunos de 2º e 3º anos, que seriam pré-vestibulandos.

Então eu dizia o que era a universidade, quais os cursos que tinha, quantas vagas existiam, qual era a relação de aluno por vaga, a concorrência para cada curso, e o que o profissional fazia e recomendava também, o cursinho do Grêmio.

O cursinho do Grêmio foi um caso muito interessante porque o cursinho do Grêmio ele foi formado por alunos da Faculdade de Filosofa, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Hoje a Geologia é instituto, Instituto de Geologia, a Letras é Instituto de Letras, Instituto de Geografia, o outro é Instituto de Física, Instituto de Biologia, mas na época a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo agrupava todos os cursos. Curso de Letras, curso de Geografia, curso de História, curso de Química, de Psicologia, Geologia inclusive. E foi nesse período aí que a gente estudou na Universidade de São Paulo.

Quando a Universidade de São Paulo se tornou Instituto e abriu a Cidade Universitária, aí, e montaram o CRUSP onde o pessoal podia, estudante de fora podia morar lá, aí já ampliou mais, os cursos foram extintos e viraram institutos e a gente era realmente uma universidade já, já nesses moldes de hoje.

Mas o cursinho do Grêmio era o cursinho do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, preparava os alunos para o vestibular de cada curso, de dentro da Faculdade de Filosofia. Nesse cursinho aí que o Ruy recebeu essa bolsa de 100%.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você entrou em 1969?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – E 6.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Sessenta e seis?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Mil novecentos e sessenta e seis.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– E já foi para a Glete.

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Eu ainda fiz na Glete.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– O Ruy ficou fazendo o cursinho o ano inteiro?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – É, eu fiz

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Ele foi fazer Letras, não é?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Ele foi fazer Letras. Então o seguinte, em 1966 e 1967 eu estudava na Alameda Glete e em 1966 e 1967 eu trabalhei no cursinho no início fazendo propaganda e depois eu fui uma espécie de secretário do Ishiro Nagami.

O Ishiro Nagami foi um dos que morreram ali na Consolação, na explosão de um carro, foi nesse período aí, foi em 1969 que ele morreu. O Ishiro Nagami era o secretário geral do cursinho e eu era um ajudante dele. O meu trabalho ali no cursinho era verificar a ficha dos alunos, quem é que tinha pago a prestação mensal e quem não tinha pago, quem era bolsista e quem não era bolsista. Este trabalho burocrático dentro do cursinho. Então eu saí da propaganda do cursinho e caí nessa área de administração.

Foi nesse período que eu estava trabalhando como controlador assim, de bolsistas e de pagamentos do cursinho é que o Ruy apareceu e a gente, conversamos com ele, fazia um bocado de tempo que eu não encontrava o Ruy, falei: "Ruy o negócio é o seguinte, vamos fazer, vamos lá no cursinho do Grêmio que lá no cursinho do Grêmio eles fornecem bolsa de, para aluno. Os alunos, a gente que vem do interior assim, a gente faz uma entrevista e pode ganhar uma bolsa".

E, marcamos essa reunião, lá não tinha prova para receber a bolsa, não precisava fazer prova, tinha que fazer uma entrevista e quem fazia a entrevista era o Ishiro Nagami. Como eu conhecia o Ruy eu falei para o Ishiro Nagami, olha, o Ruy Carlos ele é da minha cidade, é colega meu de infância, é gente muito boa, tal. Ele não, realmente ele não tem condições de pagar o cursinho, tal.

E eles fizeram a entrevista do Ruy e o Ishiro uma vez veio falar como, “O Kiyoshi, aquele menino Ruy Carlos é um menino muito bom, nós demos uma bolsa de 100% para ele”. Esse Ishiro Nagami, ele é que selecionava os alunos e concedia as bolsas também.

Nesse cursinho do Grêmio também, eu me lembro da secretária que ela se chamava Ísis, mais tarde eu fiquei sabendo que era a Ísis Dias de Oliveira. Essa Ísis Dias, recentemente, eu não sabia que era a Ísis secretária do cursinho, mas depois vendo na internet que eu vi a fotografia e reconheci. A Ísis que eu conhecia, que era secretária do cursinho, o Ruy provavelmente deve ter conhecido essa Ísis, ela é essa Ísis Dias de Oliveira, a mesma. Cabelinho curtinho, muito bonita, muito simpática, uma pessoa interessante a Ísis, muito, também desaparecida até hoje, não é?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– O Abílio Clemente, você lembra do Abílio?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Do Abílio não.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Não?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Não. Mas nessa época aí a Iara Iavelberg dava aula de inglês, eu tive aula de inglês com a Iara Iavelberg. O irmão dela, o Samuel Iavelberg, ele era coordenador da área Letras, não é?

Bom, nesse período aí eu também conheci a Ana Rosa, Ana Rosa Kucinski era da Química, e como o meu primo, Wolff Higa ele também era da Química, e contemporâneo ou então era da mesma turma da Ana Rosa, a Ana Rosa Kucinski, eu encontrei com ela algumas vezes em casa aqui em São Paulo quando era estudante.

Essa Ana Rosa também era desse círculo do conhecimento da gente na época, e nesse período difícil da ditadura militar quando começou, a repressão começou a ficar mais forte.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– A Química funcionava onde?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – A Química já tinha ido para a Cidade Universitária. A Química foi uma das primeiras a sair da Glete, foi a Psicologia, depois saiu a Biologia, a História Natural, na época era História Natural, e depois saiu o pessoal da Química. Ficou só a Geologia na Alameda Glete e nós ficamos até 1967, 1968, 1969 a gente já começou a ter curso, aulas lá na Cidade Universitária.

Bom, o...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– O Ruy entra quando na faculdade?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – O Ruy? O Ruy entrou em 1966 ou 1967?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Já foi para a Maria Antônia.

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Em 1967, não é?

**A SRA. –** Em 1967.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Foi para a Maria Antônia.

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Eu acho que ele, a Letras já estava lá na Cidade Universitária nessa época, viu.

**O SR.** – Não.

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Não?

**O SR.** - Os 2 primeiros anos

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Na Maria Antônia ainda.

**O SR**. – Só quando houve a Batalha

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Depois da

O SR.- Ininteligível.

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Aí que foi para, a Letras

**O SR**. – Perto do CRUSP.

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Sei.

**O SR.** - As salas que foram instaladas lá nos intervalos entre **os** prédios (inaudível)...

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – A gente também teve aula ali na Maria Antônia, mas era o curso, aula de matemática, não é? E a aula de matemática, era só matemática que a gente tinha na Maria Antônia. A aula de Biologia já era na Cidade Universitária, a Topografia já era na Cidade Universitária.

Eu vou seguir aqui o meu roteirozinho aqui. Bom, em 1965 exatamente quando eu fui para São Paulo, em novembro, um fato muito importante, muito pesado que aconteceu foi a edição do AI 2. O AI 2 foi em outubro de 1965 e transferia toda para a Justiça Militar, todo julgamento que fosse de caso de enquadramento na Lei de Segurança Nacional.

Ou seja, foi nesse período de 1965 para frente, no final de 1965 que a repressão ficou muito pesada e a gente, como estudante, se fosse considerado subversivo, a gente era julgado por uma junta militar. Já não tinha mais recurso em outra área, a gente ia direto para a junta militar.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Eu não quero te interromper, mas o Grêmio era a sede da dissidência, não é? Era o núcleo central da dissidência, não é?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – O Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras foi sempre uma dissidência forte dentro da própria universidade e também contra o governo, claro. Contra o governo militar da época, não é? E

**O SR.** - Falando da dissidência, que ficou

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Fala no microfone, fala no microfone.

**O SR.** – Ininteligível

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Segue teu roteiro, então. Porque, mas a ligação pessoal familiar. Segue o teu roteiro.

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Bom, essa questão do Grêmio depois a gente pode até conversar um pouquinho mais, mas o seguinte, o cursinho do Grêmio, o que tinha era o seguinte. Os alunos da Faculdade de Filosofia eram os professores e eles, estes alunos da Faculdade de Filosofia que coordenavam e dirigiam este cursinho, uma parte da renda deste cursinho era colocada dentro do Grêmio da Faculdade de Filosofia.

E, o pessoal do Grêmio também deixava a gráfica para ser utilizada pelo Grêmio. Então o Grêmio da Faculdade de Filosofia toda vez que tivesse que imprimir algum panfleto ou imprimir alguma publicação, alguma coisa importante ou qualquer coisa que fosse utilizava a gráfica do cursinho. Então o cursinho na verdade era um braço econômico do Grêmio da Faculdade de Filosofia.

E numa determinada época, em 1968, eles, o cursinho do Grêmio ele foi tomado por uma posição política dentro do Grêmio e essa, os professores saíram do cursinho e montaram o cursinho Equipe. Equipe Vestibulares. Eles não aceitaram uma interferência grande do Grêmio no gerenciamento do cursinho, então saíram com todos os professores e inclusive levaram os alunos também e montaram o Equipe Vestibulares.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Depois que o Ruy entrou na faculdade você não teve quase mais contato com ele?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Depois que o Ruy?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Entrou, que você foi lá para a Cidade Universitária, o Ruy ficou aqui na cidade, vai dando um fechamento na, você continuou tendo contato com o Ruy?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Muito raro e nesse período aí depois que ele entrou no movimento estudantil, eu me lembro que ele foi detido, foi preso no Congresso de Ibiúna e nesse Congresso de Ibiúna eu lembro de ter participado na organização dele.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – É, mas não eu organizando. Eu era uma das peças da organização do movimento.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você era da turma do Lobão?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – É, a minha turma era do Lobão.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você participou da batalha da Maria Antônia?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Não cheguei a participar, não. Mas foi da minha época a batalha.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você não estava junto com o Lobão, não?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Não, não.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Entendi.

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Não. O, no Congresso de 1968 eu lembro que a minha função era a seguinte, tinha que ficar na frente da igreja lá do Largo de Pinheiros, com rádio de pilha na mão, alguém ia chegar para mim, ia falar uma senha e eu iria responder outra senha.

Eu não lembro quais eram essas senhas, mas eu tinha que estar lá esperando uma pessoa chegar, eu tinha que estar com um rádio de pilha na mão e essa pessoa ia dizer uma senha e eu ia responder outra senha e eu tinha que ir embora, era só isso aí.

E essa pessoa também não me conhecia, eu nunca tinha visto também, essa pessoa tomava outro rumo, provavelmente a organização do congresso naquela época montou isso aí tudo para, para o pessoal vindo do Nordeste, vindo do Sul, chegando em São Paulo tem um roteiro. Ele falou, "olha você vai lá na igreja de Pinheiros, vai ter uma pessoa lá com um rádio na mão, você fala com esta pessoa tal palavra, ela vai te responder tal palavra e aí você está no caminho certo, você segue para tal lugar". Devia ser alguma coisa nesse sentido. A gente não sabe como foi organizado, eu não sei como foi organizado isso aí. Só sei que no congresso que foi feito em Ibiúna foi todo mundo preso, o Ruy estava no meio.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Mas você sabia que o Ruy ia para o congresso?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Não sabia.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Não tinha mais contato?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Eu não tinha esse contato, eu nem sabia que o Ruy estava nesse, eu fiquei sabendo depois que saiu no jornal...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você chegou a ser preso?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Não.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Nem no CRUSP?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Não. Eu não morava no CRUSP, eu morava na cidade.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Só deixa eu insistir nessa pergunta do Abílio, porque como era o nome daquele seu companheiro que o carro explodiu na Maria Antônia e

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Ah! O Ichiro Nagami.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Então, porque o Silvio Clemente morava com, pelo menos a ficha dele tinha no apartamento do Ichiro, e depois ele desapareceu. Você nunca ouviu falar em Abílio Clemente lá no cursinho?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Não, não. Nunca falei, Abílio Clemente, não.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Não?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Nunca soube, não. Aliás, eu nem sabia que o Ichiro Nagami fosse envolvido em qualquer coisa assim, mesmo a Ísis eu não sabia. Não sabia também que o Ruy estava envolvido, mas, eu fiquei sabendo que o Ruy estava envolvido mais adiante, já em 1969, no final do ano.

É o seguinte, teve um período ali, o Ruy saiu no jornal e depois ficou comprovado que no dia 4 de novembro de 1969 ele estava naquele sequestro do avião da Varig, que foi desviado para Cuba.

Pois bem, um pouquinho antes desse episódio eu encontrei com o Ruy e foi o seguinte. O Ruy, ele chegou um dia com a mala na mão, ele já estava com este bigodinho e ele chegou lá em casa e falou assim, “olha Kiyoshi é o seguinte, eu estou precisando de um lugar para dormir porque eu estou saindo para fora de São Paulo e não posso voltar para a minha casa, eu tenho que arranjar um lugar para dormir, passar a noite”. Eu falei bom, vai dormir aqui em casa, não é? Aí ele dormiu lá em casa.

Nesse dia ele mostrou um documento falso, uma carteira de identidade que era, ele falou “a minha identidade agora é essa aqui”. Só que eu não lembro, eu não lembro do nome que eu li na identidade, não me lembro. Nem lembrava se foi esse Silvino. Pois é, pois é, mas eu não sei se esse documento já era de João Silvino Lopes, eu acho que não. Não sei.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Kiyoshi, o Queiroz era da tua turma?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Era. Não, da minha turma, não. Ele era mais novo, um ano mais novo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Era calouro?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Era calouro.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– O Lobão era da tua turma?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – O Lobão era da minha turma. Bernardino era mais velho que eu, um ano mais adiante, não é? Bernardino, isso.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– O Lobão e o Queiroz vinham depois?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Isso. Não, o Lobão já era da minha turma, já. O Queiroz era mais novo. Eu saí em 1969.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Saiu em 1969?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Em 1969. Bom, nesse caso do Ruy é o seguinte, o meu primo, eu morava na casa do meu primo, não é? E o meu primo é o que dava aula de química no cursinho do Grêmio e ele falou “olha Kiyoshi, o negócio é o seguinte, o Ruy, se ele está assim, ele deve estar, já deve estar em situação complicada. O pessoal já deve estar perseguindo o Ruy. Então faça o seguinte, você pega o Ruy, leva ele para outro lugar, porque se...”

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Quando ele pediu para dormir na tua casa?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – É, não, ele dormiu em casa, ele dormiu.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Não foi logo em seguida que teve o voo para Cuba?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Olha, o dia exato que ele dormiu eu não lembro, eu não me lembro. Eu sei que é antes desse 4 de novembro porque foi exatamente o período anterior de ele ter saído do Brasil. Aí ele dormiu em casa e no dia seguinte eu saí com ele e levei ele para a rua, para a Avenida São João, esquina com a Alameda Nothmann, que lá morava também outra turma de Regente Feijó.

Morava lá o Luiz Carlos Marangoni, morava lá o Meclides Bravo Aguilera que eram estudantes em São Paulo. Aí eu levei o Ruy para lá e ele ficou lá 1 ou 2 dias e depois foi embora. Logo em seguida a gente ficou sabendo dessa notícia do sequestro da Varig, não é?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você sabia que o Ruy estava na ação, saiu não é? Aquele da Jessie Jane, não é?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Não, a gente não sabia se ele, qual o envolvimento dele, não é? Isso a gente, ele não falava para a gente e a gente não tinha notícia nenhuma, não é? Sobre esse

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– E o pessoal de Regente da outra república?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Também não. Também não. Mas de qualquer jeito a gente era, éramos amigos de infância, como é que você vai negar, um amigo de infância negar um abrigo, não é? Mesmo que ele falasse, “olha, eu estou envolvido”, ele ia ficar do mesmo jeito. A gente não tinha como negar esse espaço aí para ele.

Bom, foi a última vez que a gente viu, que eu vi o Ruy e depois não tivemos mais notícias, ficamos sem notícia muito tempo e eu acho que esses pequenos quadros aí da passagem dele aqui em São Paulo, você pode ver que num período de repressão muito grande o, todo mundo, ninguém podia, tinha notícia de nada.

O Ruy não podia falar o que ele estava fazendo. A gente não podia procurar saber o que ele estava, se tivesse, se descobrissem que a gente tinha este envolvimento a gente estava junto também. Ou seja, era um período de repressão pesada, não é?

Nesse sentido, esse resgate dessa história e o resgate de todas essas passagens e essa luta que a gente está fazendo para ver se coloca essas verdades, essas passagens, isso aí é um papel muito interessante, muito louvável da Comissão da Verdade e evidentemente nesse processo todo a família sofreu, a gente sofreu, todo mundo passou por período que ninguém deve achar que possa acontecer de novo, não é?

E eu acho que...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– A última pergunta que eu queria te fazer, você soube quando ele foi morto ou não?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Soube, soube.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Soube?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Bom, soube agora, não é? Há pouco tempo, não é?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Ah! Na época você não soube?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Não, não, na época

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Quando ele voltou para o Brasil você não soube?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Não, na época a gente não tinha contato, a gente não tinha informação, não sabia nada. O, em 1972, olha, eu trabalhei naquela região de Natividade em 1984. Em 1984 eu já tinha notícia de que o Ruy tinha passado por aquela região, mas nunca imaginava que ele tivesse sido assassinado ali, em 1984.

Em 1984, ou seja, 12 anos depois eu estive trabalhando naquela região, conheci Natividade, passei por aquela região lá e trabalhei em Indianópolis, em Almas, naquelas cidadezinhas que tem, fazendo pesquisa de minérios, não é? Mas o, eu não fazia a mínima ideia de que o Ruy tivesse passado por aquela região.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Obrigado Kiyoshi, vamos lá. Então vamos ouvir o Luiz Dagobert Roncari que à época tinha uma banca de livros e era professor de Letras, Luiz, por favor.

**O SR. LUIZ DAGOBERT DE AGUIRRA RONCARI** – Desculpe, mas eu não tinha banca de livros, não. Eu era estudante de História e morador do CRUSP.

Bom, meu contato com o, imagina. O meu contato com o Ruy foi um tanto breve, mas foi intenso.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT** – Fala bem pertinho do microfone, porque a gravação é importante.

**O SR. LUIZ DAGOBERT DE AGUIRRA RONCARI** – Eu fiz o vestibular de 1967, entrei na USP no Curso de História, se não me engano o Ruy fez o mesmo vestibular de 1967, só que entrou no Curso de Letras, não é? É isso, não é?

Bom, eu fui morar no CRUSP e encontrei o Ruy por acaso. Eu costumava ir jantar no Bandejão do CRUSP e depois do jantar ficávamos ali no chamado Centro de Vivências, não é? Que era um espaço muito importante da USP, coisa que a USP não tem mais, não é? Porque estudantes de toda Cidade Universitária e moradores de repúblicas próximas também iam comer no CRUSP e ficavam por ali, pelo Centro de Vivências.

O Centro de Vivências era importante porque não só era o local, um espaço grande onde realizávamos nossas assembleias e onde também os grupos de teatro, cinema, faziam apresentações ali. Então era uma espécie de ágora política e cultural, não é?

Bom, um dia depois do jantar eu estava sentado lá no Centro de Vivências, naqueles bancões de madeira que havia lá, e tinha do meu lado um rapaz lá, nos olhamos, começamos a conversar, enfim, estava havendo uma preparação de assembleia, tal. E nessa conversa afinamos muito as nossas posições, não é?

E enfim, pensávamos em uma série de coisas muito próximas e de repente passa um rapazinho, magrinho, pequenininho, que era o Bernardino Figueiredo que era o Presidente do Grêmio. Figueiredo acho, não é?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Isso.

**O SR. LUIZ DAGOBERT DE AGUIRRA RONCARI** – Estudante de Geologia, também, não é? Que era Presidente do Grêmio. E o Ruy falou, "olhe, é o Presidente do Grêmio e tal, nós podemos ir lá ver com ele como é que poderíamos trabalhar aí na mobilização", estava havendo uma mobilização para uma assembleia e tal, e fomos os dois falar com o Bernardino.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você e o Ruy?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Eu e o Ruy. Isso no comecinho de 1968, estavam se preparando, acho que as aulas nem tinham começado ainda, enfim, 1968 foi um ano muito intenso, muito intenso.

No plano externo dominava o quê? A Guerra do Vietnã e as barbaridades americanas no Vietnã. E no Brasil era vida sob a ditadura que era um momento de infantilização, não é? Quero dizer, numa ditadura todo mundo é considerado meio criança e irresponsável, e são só responsáveis e adultos os militares que estavam n poder, o resto, não tinha Partido Político, não tinha direito a uma porção de coisa não tinha Constituição, enfim, não era simples não, é uma sensação de mutilação muito grande que você vive durante a ditadura. Então, isso me dominava o tempo e era essa atmosfera do tempo. Bom, o Bernardino falou assim...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você era do interior?

**O SR. LUIZ DAGOBERT DE AGUIRRA RONCARI** – Eu era. Eu vim, a minha família morava em Campinas, eu estava vindo de Campinas e o Ruy estava vindo também de Regente Feijó. Sei que ele me disse que era, que trabalhava lá também, participava do movimento estudantil, eu participava do movimento estudantil de Campinas da Juventude. Como era? Enfim, Estudante dos Secundaristas, o movimento estudantil estava penetrando forte também no ensino médio e eu participava em Campinas do Movimento Secundarista e ele na região dele.

Enfim, fomos falar com o Bernardino e o Bernardino então nos mandou conversar no outro dia, de manhã, com uma das diretoras do Grêmio que era a Lola. A Lola é a Aurora Maria Nascimento Furtado, não é? Uma moça muito bonita, lembrava muito a Nara Leão que era nossa musa na época, tinha os lábios grossos, cabelo cortado, era muito bem vestida também, ao contrário dos estudantes do tempo que andavam muito desarrumados, muito relaxados, a Lola não, era uma moça bonita, elegante, enfim. E ela era diretora do Grêmio e logo nos acolheu e nos nomeou Diretores de Agit. e Prop., Diretores de Agitação e Propaganda.

(Risos)

Parece importante, não é? Mas não era não. Qual era a nossa função? De imprimirmos panfletos ou irmos à gráfica também pegar panfletos, ou então usar o mimeógrafo a álcool que era um terrível aparelho de subversão, tem o mimeógrafo a álcool, ou então fazer cartazes de cartolina convocando para as manifestações, para as assembleias, para passeatas.

Era essa a nossa função, em um tempo em que a Filosofia agregava tudo mesmo, Geologia, agregava a Química, Física, Matemática, enfim, e eu e o Ruy passamos, então, boa parte de 1988 cumprindo essas funções de convocação para as assembleias, passeatas, e foi essa a nossa convivência. Passávamos a noite fazendo cartazes, imprimindo panfletos e depois durante o dia, indo pregar os cartazes na Cidade Universitária, na Maria Antônia, fazíamos essa ligação entre Maria Antônia, a gráfica, enfim, era isso que fazíamos.

Acontece que depois do Congresso de Ibiúna, o Ruy foi se aprofundando nas suas relações e nós fomos nos distanciando, não é? Chegou o momento de 1968 que foi o momento de radicalização muito forte, radicalização por parte dos militares que já se pressentia uma espécie de golpe dentro do golpe que é a chamada de linha dura, estava assumindo posições de poder e, enfim, ia passar. Porque depois de fato deram um golpe no Costa e Silva com o Médici. O Médici sim, aí foi o período terrível, período de morte e tortura. Até então não, até o AI 5 era uma ditadura mais branda, você se sentia mutilado em direitos, mas não sentia tanto o terror da tortura, mortes e tal, depois do AI 5 que a coisa ficou brava.

Mas nesse processo nós nos distanciamos e o Ruy foi passando para a clandestinidade, se aprofundando nas suas relações. E ele, chegamos a ter uma conversa sobre isso e o que ele me disse é que ele iria lutar mesmo contra a ditadura, pois não se via quase muita razão, sentido de vida em uma vida como aquela.

E eu falei para ele que o meu negócio, eu tinha entrado em História, eu gostava de História, era estudar História e tal, e nesse tempo eu já era contador do bar do CRUSP, o Dudu era o Administrador, o Dudu que sumiu, eu não sei mais dele. O Dudu era o administrador do bar do CRUSP e eu fazia a contabilidade do bar do CRUSP e aí então nos separamos.

Já em, acho que no começo de 1969, voltei a me encontrar com o Ruy, aí ele já estava na clandestinidade, tivemos uma conversa e ele me disse um pouco dessa vida de perseguido, de clandestino e tal, vida em aparelhos e tal, mas foi uma conversa meio rápida e daí não nos vimos mais.

Então, essa foi uma relação breve, de um ano, mas o Ruy ficou assim, eu agradeço muito o convite de ter vindo aqui dizer alguma coisa sobre ele, porque eu estava com um sapo mesmo na garganta de dizer oficialmente o que eu vivi com ele, o contato que eu tive com ele, o que eu fiz com ele, não é? E o que eu tenho a dizer é que o Ruy estava certo, lutando a luta justa e como fazia, faziam também o José Genoíno e José Dirceu que hoje estão presos.

Eu não sei o que faziam e de que lado estavam os juízes que os julgaram, não é? Que julgaram o José Genoíno e o José Dirceu. Então, que os juízes julgaram, então esquisitas encenações desses juízes para as câmeras de TV quando nosso Supremo se submeteu ao império da mídia. Eu presto, portanto aqui a minha homenagem ao José Genoíno, ao Zé Dirceu que sobreviveram e também ao Ruy e as suas justas lutas que infelizmente não pode, não sobreviveu e não estar aqui conosco.

(Palmas)

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Eu gostaria só...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– É só falar o seu nome, toda vez que falar, precisa falar o seu nome.

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Ah, tudo bem. Regina. Eu gostaria só fazer uma pergunta. Na hora que você comentou que vocês articulavam os panfletos e tudo o mais, e o Ruy chegou a ir para o interior também fazer essa comunicação? Ou você não sabe sobre isso?

**O SR. LUIZ DAGOBERT DE AGUIRRA RONCARI** – Não me lembro.

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Não? Então, porque eu, em 1969, eu fazia, na época se chamava Instituto isolado da USP, não é? Eu fiz história em Assis, e quando eu cheguei à faculdade, até a Reitoria, eles me chamaram, acho que por causa do sobrenome que não é tão comum, não é? Berbert, que disseram, "olhe, eu estou vendo que você é uma menina nova ainda, do interior e tudo o mais e você tem alguma coisa a ver com o Berbert?". Eu falei que tenho o irmão, e aí," então eu gostaria só de comunicar para você ter muito cuidado porque tem muito agente infiltrado aqui na nossa faculdade. Só queria dar esse alô para você sobre isso", e agora você praticamente comprovou porque a gente não sabia certamente se era ele que tinha ido lá, porque ele mexia com essa parte, não é? Certo? Obrigada.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Mas fala um pouquinho.

**O SR. LUIZ DAGOBERT DE AGUIRRA RONCARI** – Não, é.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Luiz, eu sei que o Dácio vai falar um pouco mais, mas me fala uma coisa. Tudo bem que todo mundo fazia política, fazia movimento e tal, e ele estava no movimento estudantil, mas não foi, ouvi aí o Kiyoshi também, o Kiyoshi também que conheceu todo mundo, andou no meio de todo mundo lá.

Quando, que horas que saía do movimento estudantil e entrava na organização? Porque teve uma transição do pessoal que ficou no movimento estudantil e ficou no CRUSP, foi preso no CRUSP e tal e teve uma ruptura do pessoal que foi para a ALN, porque a dissidência era, depois virou a ALN, virou, não é? O Bernardino foi para a ALN, Lobão foi para a ALN, Queiroz foi para a ALN, e todo mundo, lá na Letras eu não sei como era. A Márcia Mafra foi para a ALN, a Márcia Mafra era sua colega, não é?

**O SR. LUIZ DAGOBERT DE AGUIRRA RONCARI** – Isso, ela era colega de História. Estudava História.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Então, essa passagem, porque tudo bem que o Ruy era um cara muito estudioso e tal, mas para ele participar do sequestro, não foi um estalar de dedos, foi uma...

**O SR. LUIZ DAGOBERT DE AGUIRRA RONCARI** – Não, foi todo um processo, porque acontecia que no tempo, em 1968, tanto o Grêmio quanto o CRUSP, eram, viviam a liderança da dissidência comunista, quer dizer, estavam, eram mais ou menos bases da dissidência comunista.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– O Presidente era o Rafael?

**O SR. LUIZ DAGOBERT DE AGUIRRA RONCARI** – Se não me engano, sim. Rafael de Falco era o Presidente. Não, o Presidente do Grêmio era o Bernardino Figueiredo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– O Bernardino.

**O SR. LUIZ DAGOBERT DE AGUIRRA RONCARI** – O Bernardino, em 1968.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– O Rafael era do cursinho, não é?

**O SR.** – O Rafael era da UEE.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– É da UEE, da UEE.

**O SR. LUIZ DAGOBERT DE AGUIRRA RONCARI** – Da UEE.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Já estou misturando.

**A SRA.** - Primeiro do DCE.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– DCE, isso. Já estou misturando.

**O SR. LUIZ DAGOBERT DE AGUIRRA RONCARI** – Isso. Acontece que esse processo, até o Congresso de Ibiúna em meados de 1968, não é? O Ruy participava comigo, éramos muito próximos e varávamos noites fazendo panfletos, fazendo cartazes, enfim, era um movimento estudantil mesmo.

Eu acho que é depois disso que o Ruy foi se afastando e se envolvendo mais com a organização, eu acho que com a dissidência, até que um certo momento desapareceu e aí boa parte dos estudantes estava entrando já na clandestinidade, não é?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Aninha Corbisier, você só vai encontrar o Ruy lá em Cuba, não é? Você estava lá em Cuba, não é? Então ela fala dessa parte mais barra pesada. Vamos lá, se bem que a Aninha conta tudo com tanta delicadeza, que.

(Risos)

Dácio Antônio de Castro, Dácio com a palavra.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Muito bem, eu sou amigo do Ruy desde os 16 anos, não é? Éramos companheiros, sobretudo de frequentar bailes, não é?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Ah, você também era lá de Regente?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Sim, minha mãe é de Regente Feijó, meu pai tinha um sitiozinho lá que recebeu de herança e tal, com isso, estava sempre na casa do meu avô, até porque nessa época, junto com o Kiyoshi nós passamos a estudar em Presidente Prudente, não é? Eu fazia o clássico, e

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– O Kiyoshi era estudioso?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – O Kiyoshi era um sujeito sempre,

(Risos)

E o Ruy era um cara que também se destacava por isso, não é? A gente...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você fez que curso?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Eu fiz clássico, comecei a fazer o científico com o Kiyoshi, mas aí a barra ficou pesada e eu passei para o clássico.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– E aqui em São Paulo você fez USP?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Aqui eu fiz Letras.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Ah, é?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – É, junto com o Ruy.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Ah, você fez junto com o Ruy?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Junto com o Ruy, mas vamos chegar lá, eu queria mais contar um pouquinho sobre Regente Feijó.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Imagine, você pode contar o que você quiser, só antes, ele fez Letras o quê? Antigamente tinha anglo-germânica, ele fez o quê? Que Letras ele fez?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Ele fez anglo-germânicas.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– E você?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Eu fiz neolatinas. Sempre fui mais do francês do que do inglês. Bom, mas nesse tempo de Regente Feijó era uma gandaia desenfreada, não é?

A gente frequentava aqueles bailes onde bebíamos para caramba e aprontávamos tanto quanto. Tem até um caso que a Regina deve se lembrar, depois de um determinado baile o pessoal estava tão bêbado que foi tomar banho na fonte luminosa de Regente Feijó. Esse caso ficou famoso até porque veio a perua Kombi da polícia para hospedá-los e era aquelas kombis que tinham sei lá quantas portas, a polícia trancava a porta de um lado e o pessoal abria do outro e saía correndo, e é uma cena mesmo de pastelão, não é?

A polícia correndo e nós aplaudindo a moçada porque não queríamos que nossos amigos fossem presos, mas o Ruy chegou a ser levado, eu lembro que o *seu* Ruy foi até lá para liberá-lo, não é?

E era um tempo em que nós viajávamos bastante para as cidades vizinhas, especialmente na época dos bailes de formatura, não é? Eu ainda não tinha carta de motorista, mas meu pai tinha um velho jipe willis que servia de transporte, chegava a acomodar às vezes até 10, 12 pessoas indo para Presidente Bernardes, Pirapozinho, Martinópolis, não é? E foi em Martinópolis que a gente acabou conhecendo o Sirton Genaro que é responsável pelo quadro que ficou como imagem definitiva do Ruy. Tem um dado interessante...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Explica melhor isso, detalha um pouquinho mais.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – O Sirton era, o Sirton e o amigo dele o Dimas, eles eram delegados da UNESP de Prudente para participar do Congresso da UNE, e ficaram no meu apartamento do CRUSP, não é? E foi lá que eu acabei tomando conhecimento da realização do congresso e todo esse negócio, e depois que o Ruy desapareceu, a Regina deve saber dessa história melhor do que eu, o Sirton se aproximou e resolveu prestar essa homenagem ao Ruy pintando essa tela, está certo? Que hoje está na sua casa.

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Está na minha casa.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Bom, voltando.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Eles eram da região, também. Eram colegas da região e depois...

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Eram colegas da região, mas nós não tínhamos uma consciência política muito desenvolvida, o único cara que injetava um pouquinho de política em nós era um escrivão de polícia em Regente Feijó, Borba. O Borba era cuecão do partidão e tal, uma figura extremamente empenhada e muito perseguida e hostilizada na cidade, e o Borba muito mais velho do que nós, não é?

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Era amigo do meu pai.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Era amigo do *seu* Ruy e companheiro nosso de vida boêmia, não é? Nós, às vezes voltávamos da escola e continuávamos a conversa nos bares e, quando fechavam os bares, a gente se sentava nos bancos de jardim e ficava até alta madrugada batendo papo, está certo?

Muito bem, foi aí que nós concluímos na mesma época o nosso ensino médio, o Ruy com seu curso normal e também o científico e eu acabei terminando o clássico, e nessas conversas, não é? A gente percebeu que não dava mais para permanecer no interior, até porque não tinha nenhuma perspectiva por lá e resolvemos vir para São Paulo praticamente no mesmo período.

Nessa época veio muita gente, eu lembro, sobretudo, das irmãs Mata, não é?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT** – Mata?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – É, Elza Mata que foi colega do Ruy no curso normal e também da própria Regina, está certo? E a Elza sempre foi grande companheira nossa franqueando muitas vezes a sua casa para almoços aos domingos, eu até combinava com o Ruy de a gente alternar um pouquinho para não ir os dois juntos, porque era tudo boca murcha, o pessoal, sobretudo o Ruy, comia para caramba, dava um prejuízo imenso, não é?

Muito bem, fizemos o cursinho do Grêmio, ao longo do ano de 1967, está certo? 1967, não, 1966, ao longo de 1966, e foi uma experiência memorável porque todos os nossos professores do cursinho do Grêmio continuaram sendo também da faculdade de Letras. Foi uma experiência muito curiosa que todos eles tiveram uma vida acadêmica extraordinária. Eu lembro, sobretudo da professora Berta Waldman que era lá do cursinho do Grêmio e era uma figura que sempre elogiava o Ruy, principalmente pela qualidade de suas redações, está certo?

Nessa época eu morava na garagem na casa de uma tia minha aqui no Jabaquara, saía 5 horas da manhã e passava pela pensão em que o Ruy estava residindo. Era uma pensão que ficava ali quase na esquina da Vila Nova com a General Jardim, não é? E íamos assistir às aulas do cursinho do Grêmio, estudamos para caramba, entramos de forma a não deixar nenhuma dúvida quanto a nossa competência, não é?

Nessa época eram apenas 25 vagas, não é? E nós tínhamos que fazer não só as provas escritas, como também orais, não é? Eram extremamente exigentes. Fomos aprovados e aí nos deparamos com um problema sério, onde morar, não é? Foi aí que nós descobrimos que havia um negócio chamado CRUSP, está certo?

E eu fui lá procurar um lugarzinho e fui muito bem acolhido por duas figuras que se tornaram grandes amigas, o Gilberto Beloque e o Zé Edson Farias que, infelizmente já desaparecido também. E logo que cheguei eu já avisei o Ruy, vem aqui que a gente cava um lugar, não deu outra, ele não demorou muito ele já estava morando por lá também.

Nós fazíamos a faculdade ainda na Maria Antônia, está certo? Em 1968 começamos a trabalhar, inicialmente no Capi-Vestibulares que tinha um corpo decente muito bom, mas que infelizmente tinha um dono que não costumava honrar seus compromissos de pagamento.

Então a gente vivia duro e com dificuldades enormes de sobrevivência. Eu achei que tinha resolvido o problema quando consegui entrar no Vestibulares Santa Inês, já que o Madureza Santa Inês tinha enorme prestígio e uma sólida base econômica, só que nós descobrimos que era apenas um grupinho de professores do Madureza que resolveu alocar a marca, mas não tinha estrutura para poder permitir um funcionamento satisfatório.

Mas quando começou, era um negócio ótimo, tanto que eu chamei o Ruy para ser o professor de gramática e redação.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Isso no Santa Inês?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – É.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– E em que ano era isso?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Já em 1968.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Em 1968?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Em 1968. E o que aconteceu? Passamos a dar aulas, o curso começou a inchar, não foi nem crescimento, foi inchaço, só que à medida que crescia também aumentava a desorganização administrativa.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Era na Liberdade?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Era na Liberdade.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Ao lado do *ininteligível.*

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Não, o Madureza era ali na Praça Carlos Gomes, mas esse cursinho funcionava na Conde de Sarzedas, é uma travessinha ali da.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Da Avenida Brigadeiro, da Liberdade?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – É, na Liberdade. O fato é que após as férias de julho, não é? Eu já percebi uma certa mudança no Ruy, não é? Uma figura com quem eu costumava, sobretudo, sair para jantar quase todos os dias em que coincidia de a gente dar aula junto, não é? E ele passou a me falar que já não conseguia mais sentir assim, satisfação fazendo o curso de Letras e que estava, sobretudo, muito interessado em Economia.

Eu falei, "pô, que salto, meu. Partir da Letras de Economia e tal". Não, é isso e tal, e eu já fiquei sabendo que ele estava envolvido em um grupo de estudos sobre "O Capital" de Marx, que tinha um outro amigo nosso que também participava e daí por diante foi um crescendo de um envolvimento do Ruy pela política. E a coisa culminou na batalha da Maria Antônia, onde ele teve uma participação ostensiva que foi largamente fotografada pelos jornais e revistas da época.

Ele é um cara que se destaca pelo tamanho e, sobretudo, porque aparece segurando um porrete, não é? Na verdade era um balaústre de uma cerca, não sei de onde apareceu aquilo, encarando um soldado da Guarda Civil de arma em punho, e o Ruy tinha apenas esse porrete.

O fato é que veio um cara por trás, derrubou o guarda e outros guardas afluíram e muita gente também passou a ajudar o Ruy na tentativa, evidentemente, de evitar que o prédio da Filosofia fosse ocupado e depois destruído como infelizmente acabou acontecendo.

Mas o Ruy foi várias vezes, fotografado, eu tenho algumas dessas imagens, cheguei até a mostrar para o Rodrigo e para a Regina, eu, depois de um certo tempo passei a reunir todas as notícias possíveis de serem recolhidas a respeito do Ruy, é um caderno que hoje conta com quase 300 páginas.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você poderia dar uma cópia para a gente?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Posso, eu mandei o arquivo para o Rodrigo e posso mandar para vocês, muita coisa está repetida e tal, tal, mas foi a maneira que eu encontrei de ir recolhendo essas informações.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você sabia que ele ia sair do país ou não?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Não sabia, não sabia. Eu só notei essa mudança de comportamento por volta de meados de julho de 1969, nós deixamos de dar aula no Vestibulares Santa Inês porque faliu o curso.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Eu vou liberar o Luiz, para ir embora, não é Luiz?

**O SR. LUIZ DAGOBERT DE AGUIRRA RONCARI** – Eu tenho que dar aula.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Luiz você vem domingo aí no encontro do pessoal do CRUSP que o *ininteligível* está organizando?

**O SR. LUIZ DAGOBERT DE AGUIRRA RONCARI** – Possivelmente.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Ótimo, está bom, muito obrigado. Obrigado Luiz. Desculpe a interrupção, vamos lá. Continua Dácio, obrigado, acompanha ele. Vamos lá, Dácio.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Bom, a gente então se via por atividades profissionais conjuntas, não é? E quando faliu o cursinho do Grêmio ele disse que não queria mais saber de aula, está certo? Aí faliu o Vestibulares Santa Inês. Ele não queria mais saber de aula, que o negócio dele era outro e tal, tal, reiterou essa vontade de estudar Economia e depois disso, nós nos vimos pouquíssimas vezes, não é?

Nessas vezes que a gente saía para almoçar, não é? A gente acabou ficando fregueses da Adega Arouche que era de um português muito gente boa, generosíssimo, não é? Que tinha um restaurante ali no Largo do Arouche que sempre nos atendeu muito bem desde a época do cursinho, eu lembro que o primeiro salário que a gente recebeu dando aula foi torrar lá na Adega Arouche e comemos.

O Kiyoshi, eu acho que chegou a ir a esse restaurante com a gente, a notícia melhor foi a de que nós terminamos o jantar e o português não quis cobrar a conta, nós ficamos daí por diante com uma enorme dívida de gratidão com esse senhor e, em homenagem a isso, toda vez que fosse possível a gente passava por lá.

E esses jantares começaram a rarear, está certo? Nessa época a gente já não tinha mais o CRUSP como o ponto de encontro, não é? Morávamos em Repúblicas, está certo? A atividade de agitação política se tornando cada vez mais intensa, está certo? Eu tive que partir para uma definição profissional, continuei dando aulas, o que fiz ao longo desses últimos 35 anos. Acho que especialmente era isso o que eu tinha a dizer sobre a figura do Ruy.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Obrigado, Dácio.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Um grande amigo, amigo de raiz mesmo, desses que a gente vai querer bem sempre.

(Palmas)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– O Dácio foi o proponente dessa Audiência, então dá para mandar o arquivo, não é?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Dá sim, é perfeitamente possível.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Aquela foto famosa que o Cid que era do Mackenzie está, é essa que o Ruy está? Aquela foto?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Ah! *Tá*, está aqui. O Ruy é esse cara aqui.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Olha o Cid de guarda-chuva aí.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – É. Agora veja a página seguinte.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Esse aqui é o Ruy? Ela está digitalizada, a foto?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Está, faz parte desse arquivo aí.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– E qual é ele aqui?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Aí é ele aqui, segurando esse pedaço de pau, e olha o guarda frontal a ele, não é? E já de arma em punho, mas não atirou, não.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– E é seu esse texto?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – É.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Ah, é? E isso está digitalizado, também?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Está.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Então você pode deixar com a gente?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Posso, posso sim, sem problemas.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Se não tiver problema.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Não, não tem nenhum inconveniente.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Ah, essas fotos são famosas, elas não foram digitalizadas, não é? Não deu tempo.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Se não me engano é da “Última Hora" ou da" Folha de São Paulo”, que eu, aí eu não lembro.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– É aquela foto em que o Cid estava com o guarda-chuva.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – É.

**O SR.** - Cadê o Ruy?

**A SRA.** – Não dá para saber quem é.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– *ininteligível* esse relatório aqui? Você tem 300 páginas sobre o Ruy?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Trezentas, está aqui. Algumas passagens são repetidas, não é? Eu fui recolhendo de fontes diferentes, depois eu queria expurgar e tal. Esse negócio eu comecei a escrever logo depois do sequestro do avião.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Renan, quer dar uma olhadinha? Ah, logo depois?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – É, só que não tinha computador. Eu escrevi à mão e tal.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Vamos ouvir a Aninha. É, porque vocês ninguém conta a historia do sequestro e a Aninha já estava lá em Cuba, não é? Você não foi com ele no voo, não é?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Não.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Já estava lá, não é? Então vamos lá. Ana Corbisier.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Primeiro, eu queria retomar.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Pega o microfone. Ah, tem outro aí para ficar mais à vontade.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Eu queria retomar uma coisa que parece que foi uma decisão individual dele.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Ana, fala só um pouquinho mais alto, escolhe o microfone que você quiser, qual você ficar com a melhor postura, mas fala pertinho porque a gente não pode perder a gravação.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Assim? Então, não foi assim, quer dizer o que aconteceu? A gente saia em passeata, como estudantes que éramos defendendo as causas que a gente achava que tinha que defender e a polícia vinha para cima com cachorros, cavalos, era uma violência, uma coisa impressionante.

Quer dizer, a coisa foi, no meu caso, eu estava fazendo alfabetização de adultos pelo Método Paulo Freire, e de repente a coisa, eu já estava casada, tinha filhos pequenos, e a coisa foi num crescendo e aquilo ficava o sapo entalado, aí sim era um sapo, entendeu?

As pessoas, eu pelo menos não aguentava aquilo, dizer, meus filhos vão viver nesse esquema? Não vão! Então, a gente foi para a luta armada empurrado, não foi porque a gente optou, pouca gente, ninguém gosta, talvez os torturadores, não sei, a gente não era a favor da violência, não queria violência, só que não tinha jeito, a gente não podia nem se reunir, sabe?

Então, isso é muito importante entender, quem foi para a luta armada foi porque não deram mais caminhos para a gente, a não ser que você se eximisse de fazer política, os companheiros aqui podem afirmar isso, quer dizer, não dava para fazer política sem ser com a arma na mão, entendeu?

A gente não aceitava, porque na verdade os militares deram um passeio, não deram um tiro, isso era super revoltante, dizendo que a gente ia fazer a revolução socialista. A gente nem sabia direito ainda o que era socialismo na época, e menos comunismo ainda, então, era muito revoltante isso, não havia como...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Aninha, como você foi para lá em Cuba?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Então, eu, quando comecei a ficar insultada, **insultada,** meu marido, eu fui indo para a esquerda e meu marido foi indo para a direita, a gente era militante dos dominicanos, a teologia da libertação, nós éramos bastante católicos, só que ele foi indo para a direita e eu fui indo para a esquerda e nisso o casamento acabou.

E ele fez questão de ficar com os filhos, e então eu achei que já que ele queria ser mãe eu ia ter que ser pai, eu ia ter que ver um futuro para os meus filhos e eu não admitia que eles vivessem em uma ditadura.

Então, comecei a procurar, eu estudava, eu estudava na USP Maria Antônia, eu fazia Ciências Sociais. Eu comecei a procurar, porque eu não tinha tempo, eu tinha filho, amamentava, estudava, cozinhava, dava jantar para as pessoas da Associação de Dirigentes Cristãos de Empresas que meu marido trabalhava.

Eu não tinha tempo nem para me coçar e não tinha tempo de fazer movimento estudantil, então eu estava muito por fora, eu comecei a procurar quem era organizado, até que eu bati no Aloysio Nunes que era um amigo de família, porque o pai era amigo dos meus pais, os avós eram amigos dos meus avós, tinha uma relação de família, e eu sabia que ele estava no PC, no partidão. E o partidão para nós era uma coisa acomodada, não servia, mas como eu achava que tinha que estar organizado e não sabia de outra coisa, bom, já que não tem outra coisa, vamos lá.

Aí ele me disse, "eu tenho uma coisa melhor para você", e a coisa melhor era a ALN, e foi assim que eu entrei para a ALN. Aí eu já tinha me separado e, portanto, tinha condições, digo, bom, já que não estou mais cuidando dos meus filhos, eu só via eles todos os dias, mas não estava cuidando, então me envolvi na luta armada, por isso, porque a gente foi mesmo empurrado.

Isso era finalzinho de 1967, em 1968 houve aquele episódio do Lamarca, que o Lamarca caiu e tal, eu era da GTA da ALN e conheci só o Dirceu no movimento estudantil, até em um restaurante na época, não conheci nem o Ruy nem ninguém, nem outras pessoas...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– A queda do Marighella em 1969.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Não, eu estou falando de 1967, eu entrei em 1967.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Entendi que você tinha falado a queda...

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Não, quando o Lamarca, quando pegaram o caminhão no sítio, lembra? Então, isso foi no comecinho de 1968. Então, foi todo o ano de 1968, as Polícias e as Forças Armadas levaram um ano para descobrir que era uma coisa política, que eles pensavam que era delinquência comum, aí coisa foi crescendo.

Quando foi em 1969, eu saí em junho de 1969, por quê? Porque nós fizemos uma ação que deu azar, a polícia passou na frente do banco na hora, então, eu dirigi, eu no fusca embaixo, na marginal e o helicóptero da polícia em cima.

Então eu não pude voltar para casa, ah, por quê? Porque um companheiro, como a polícia passou na frente, um companheiro que era o irmão do Virgílio Gomes da Silva, Gomes da Silva, não é? O Chiquinho foi ferido, muito ferido, então era o Celso Horta dirigindo o fusquinha, eu atrás com a cabeça do Chiquinho se esvaindo em sangue no meu colo e, bom, e a gente, e o Boanerges de Souza Massa era o médico que estava com o esquema de saúde para uma eventualidade, só que o Boanerges não estava no apartamento que ele deveria estar, esse foi o primeiro.

Então eu tive que decidir para onde ia levar o rapaz feridíssimo e eu optei pela casa do Carlos Knapp, porque eu achei que o Lacombe, eu tinha essas duas possibilidades, que era o Juiz Federal não ia aguentar a barra, porque o Lacombe eu achava ele frouxo como de fato se mostrou, e o Carlos Knapp aguentaria, como de fato aguentou.

Só que aí apareceu o Boanerges na casa do Carlos Knapp e chamou o banco de sangue, e aí pronto, quer dizer, já estava dando no rádio quando a gente estava no fusca, "há uma pessoa ferida, há uma pessoa", ou seja, que eles estavam de olho, a hora que o banco de sangue foi lá, viu uma pessoa ferida à bala, quer dizer, caiu tudo.

E foi um escândalo porque a casa do Carlos Knapp ficava a 200 metros da casa do Comandante do Segundo Exército que aí se armou até os dentes, fez um ninho de metralhadora na casa, ficou apavorado, porque o Marighella se hospedava na casa do Carlos Knapp, e ele, "Meu Deus do céu, como? Que medo." Porque eles tinham um medo da gente, impressionante, não é? Isso não parece, mas era, sabe? Eles tinham mais medo da gente do que a gente deles.

Aí o que aconteceu? Não pude voltar para casa, perdi o contato com a organização e inventei de ir para a França porque meu companheiro na época, o Itobi Alves Correia estava na França, eu trabalhava na TV Cultura e tinha direito a férias, eu achei que se eu fosse pra França de “férias”, ficava um mês e via no que davam as coisas. Só que aí recebi uma ordem, uma orientação do meu chefe na Fundação Padre Anchieta para não voltar porque a polícia tinha ido lá e tinha dado batida na minha mesa, que logicamente não tinha nada, não é?

E aí fiquei três meses em Paris e veio uma ordem do Marighella, para todo mundo que estava lá, que era o Aloysio Nunes que era da ALN, a companheira dele, a Vera Tude, o Guilherme Lustosa Cunha que depois foi ser funcionário da ONU, da ACNUR e o próprio Itobi e eu, para todos.

Aí chegaram Carlos Knapp, Eliane, para todos irem para Cuba, mas ninguém foi, o Itobi foi depois e eu fui em um primeiro momento, porque eu já tinha estudado em Paris e eu sabia que ali, daquela mata não saía coelho, as pessoas ficavam no Café fazendo a revolução no Café, então, se era para ir para Cuba treinar, vamos para Cuba, eu fui na hora para Cuba.

Bom, eu cheguei lá em setembro, dia 23 de setembro salvo engano, logo em seguida, e eles nos puseram em uma casa bem grande onde se formou o grupo que foi chamado de "grupo primavera", "primavera de praga", sempre era apelido pejorativo que a ALN deu, o pessoal da ALN, o Clemente, esse povo, porque a gente depois formou o MOLIPO e eles ficaram muito bravos com isso, mas teve razão para a gente formar, não foi à toa também, não foi uma cisão por *ininteligível,* não é?

Aí, em setembro logo depois, e o grupo começou a se formar, começaram a vir as pessoas, em sua enorme e a maior parte eram da ALN, mas também tinha gente que não era, como o Franklin Martins que era do MR8, acho, e tinham algumas pessoas que não eram, tinha o Frate, tinha o Agnaldo Pacheco que era um partidão, não é? Em suma, tinham várias pessoas que não eram da ALN, algumas pessoas.

E, a maioria homens, mas tinham 6 mulheres, então o grupo assim se formou, chegaram esses 9 companheiros do sequestro, por quê? Porque a organização estava sem recursos para fazer eles saírem pela Europa, porque era uma volta ao mundo para chegar em Cuba naquela época, eu mesma passei pela Itália, por Praga e tal para chegar em Cuba.

Ou seja, precisava de dinheiro e a organização, naquele momento, não estava tendo para 9, que na verdade eram 11, porque ainda tinha o Boanerges e o Marcio Beck. O Márcio não chegou a tempo em Buenos Aires e o Boanerges ficou esperando por ele, então foram 9, entre os quais o Ruy.

Então, foi assim que, bom, eu cheguei antes, não é? E depois chegou o grupo do sequestro do avião. E a gente se organizou na casa, era uma disciplina militar, a gente acordava bem cedo, fazia ginástica, lia para caramba, eu aprendi mais sobre o Brasil naquela época do que em toda a minha vida antes.

O Boanerges leu os 40 volumes do Lenin porque o Boanerges era em tudo exagerado, tudo dele era over, e o Joaquim era assim, muito amigo do Aylton Mortati, muito alto astral, muito alto astral. Porque tinham uns que tinham uma deprê, porque a gente estava longe da família, longe dos amigos, eu no meu caso estava longe dos filhos, a Eliane estava longe do filho também, então era uma situação complicada, mas para o Ruy não tinha essa, ele chamava Joaquim lá, então, para mim ele é o Joaquim, não é?

Ele tinha um astral, estava sempre ótimo, continuou comendo bastante, também ele era grande, não é? Tinha que se alimentar, é. Então a gente esperou uns quantos meses para começar o treinamento, a gente fez o treinamento no campo e na cidade e também especificamente de armas, de tiro, de explosivos, chamava ponto zero esse lugar, eu estou contando essas coisas porque isso aí já é, a polícia já sabe, porque até então eu tinha o maior problema para falar dessas coisas, até porque envolve Cuba, não é? Que mora no meu coração, então não podia.

E tinha a turma que era mais bem preparada fisicamente, porque eu tenho um defeito físico, além de ser mulher e mais velha que os outros, eu tenho um defeito físico, então eu era do grupo menos preparado fisicamente, o Joaquim já era top de linha, ele e vários outros, o Tenente e tal.

Então, quando foi para o treinamento no campo, a gente ficava em uns alojamentos de pau a pique separados em dois e o Joaquim ficou no do pessoal da barra mais pesada que segurava mais o treinamento, e sobrou para o João Leonardo ficar com a gente, o Aylton também ficava com a gente porque ele namorava a Maria Augusta Thomaz e a Maria Augusta ficou com a gente e então, os cubanos que eram bem assim de proteger os amores, puseram o Aylton junto com a Maria Augusta, que eram o Tenente e a Bica, apelido Bica. O nome era outro, mas o apelido Bica, porque tinha o nome postiço, o nome falso e ainda tinha apelido.

E assim foi, quer dizer, ele era muito especial, era muito mais bonito do que está nessa foto aí, muito mais. Não tinha esse bigode, tinha um cabelo bem liso assim, era uma beleza de rapaz, muito bonito, e assim alto astral, muito disciplinado, cumpria todas as tarefas.

E depois, quando foi para gente voltar, que essa é uma coisa também que as pessoas questionam muito: "Que absurdo vocês terem voltado", porque todos morreram, sobrei eu e o Dirceu, não é? E as pessoas dizem que era um absurdo voltar, mas era a nossa proposta. Primeiro porque a gente não imaginava que ia ter anistia, ninguém nem cogitava anistia, então tinha que voltar para lutar, ué, como é que faz? A gente não foi treinar para guerrilha rural? A gente tem que voltar, nem cogitava não voltar. Uns questionaram, obviamente, ficaram na Europa e não morreram e o Itobi foi um deles, outros voltaram, e outros também, alguns dirigentes, e aí é importante falar da cisão porque a gente formou o MOLIPO, não é? Porque é uma coisa que é questionada.

Por que? O que aconteceu? Iam para lá dirigentes da ALN que se propunham dirigentes como Mastrocinque, a própria Zilda Pereira, mulher do que foi caso do Marighella, ia para lá como dirigente, dava tarefa para a gente e depois ficava na Europa, a gente, sabe?

A gente queria voltar, a gente tinha uma proposta muito definida de voltar. Então essa foi uma razão principal digamos, uma das razões, também havia razões políticas porque aí já eram mais dos companheiros da direção que eram o Benetasso, o Dirceu, o Lauriberto Reis, o próprio João Leonardo, Arno Preis.

Eles achavam que a ALN estava muito nacionalista demais e estava deixando de querer a revolução socialista e, no meu caso a questão era mais voltar mesmo para lutar, e esses que estavam mais bem preparados para voltar, como o Ruy, voltaram antes e, também os que eram de direção, dirigentes, tanto que o Dirceu também voltou nessa primeira etapa.

Depois começou a cair todo mundo, isso é uma coisa que até hoje eu não consegui esclarecer, por que eles voltaram para São Paulo? Porque a gente sabia e conversava sobre isso e discutia isso, que a USP estava toda infiltrada, quer dizer, e os contatos deles e nossos eram da USP. Então voltar para São Paulo era botar a cabeça na corda, eu não sei até hoje o porquê que eles voltaram, porque eu não voltei para São Paulo, e acho que é por isso que eu estou aqui, não é? E então...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você voltou para onde?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Eu fui para a Bahia.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você pode falar disso?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Eu fui para a Bahia.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Deixa eu falar, já que você interrompeu, aquele sequestro do avião da Varig foi no dia 4 de novembro? O do Ruy?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Olha, eu não juro, não, mas sempre aparece..

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– É aquele da Jessie Jane?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Como sendo dia 4 de novembro que é o próprio dia da morte do Marighella.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Do Marighella. Aí vocês foram

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Posso fazer um pequeno aparte em relação?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Fala no microfone e fala seu nome.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Bom, Dácio. Nessa pesquisa que eu tenho feito sobre o Ruy, o último informe que eu registrei foi a partir de um vídeo exibido pelo blog do Luiz Carlos Azenha, há questão de uns 15 dias, na época em que se falava lá dos 45 anos da morte.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Fala mais perto, não precisa olhar para nós, olhe para o microfone.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Eu percebi em uma das sequências que falava-se que o Serviço Secreto do Exército sabia da existência desse grupo de brasileiros disposto a sequestrar o Boeing da Varig e só não prenderam esses militantes porque a caçada ao Marighella já estava armada e se a coisa acontecesse um pouquinho antes poderia assustar o Marighella e o seu esquema de segurança e podia, evidentemente, impedir a prisão do grande chefe. Alguém sabe desses dados?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Eu sei, tem um livro de um brasilianista, um americano que diz isso, mas não falando do Serviço Secreto Brasileiro, falando da CIA, que a CIA já sabia do sequestro e não impediu por causa da, para não criar problema para a captura do Marighella, para a morte, do assassinato do Marighella.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Quando eles chegaram lá, eu sei que vocês eram todos compartimentados, muito...

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR CORBISIER** – Não, lá não. Nesse momento estávamos todos, fomos sendo agrupados em uma casa.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Mas vocês receberam, eles chegaram em 9? O pessoal que chegou do sequestro, chegaram em 9?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR CORBISIER**– Chegaram em 9, foi um momento de consternação porque a gente tinha acabado de ter a notícia da morte do Marighella, eu mesma conhecia, eu privava com o Marighella, não é? Então, ficava, ele tinha a mania de abotoar o punho da camisa trocado, tinham dois botões e ele punha trocado.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Espere um pouquinho, Aninha, espera um pouquinho, deixe eles, eles estão trocando informação*. Ininteligível,* se você quiser falar, está bom.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Está bom. Vamos lá, Aninha, retome porque é importante o que você está falando.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Eu ficava tentando identificar lá naquela..

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você lembra o nome do brasilianista?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Sabe que não? Escrevi sobre isso.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Vai em frente.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Deve ter, porque agora voltaram nossos documentos de Cuba e eu, a Cida Horta e o Celso, a gente está identificando, então pode ser que tenha porque eu escrevi um relatório, eu traduzi o texto do brasilianista para os cubanos e escrevi sobre isso, então, pode ser que eu recupere essa informação, entendeu? Agora.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Continue.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Eu ficava tentando, quem sabe não é o Marighella, quem sabe não é? Ver o punho, porque como ele usava uma peruca, pelo rosto só eu não identificava facilmente, a memória que eu tinha, a memória...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Quem sabe era ele que estava chegando em Cuba? Essa era sua esperança? Eu não entendi, quem sabe o Marighella, como, não entendi?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Não, apareceu uma foto dele morto dentro do Volkswagen na “Veja”, e eu parece que estou vendo, ele morto e caiu dentro do fusca, então eu ficava tentando ver se era mesmo, identificar, porque a repressão dizia que era, mas quem sabe não fosse, não é? Entendeu? Porque a gente se sentiu órfão quando ele morreu, foi terrível, foi muito terrível. Mas isso só acirrou a nossa vontade de voltar, a nossa decisão de voltar, não era vontade, era decisão, não é?

Contamos sempre com todo o apoio dos cubanos, não é? Eles, porque a história deles era essa, eles ficaram reduzidos a 12 e continuaram a luta, não é? Então para eles isso não era tão estranho assim.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– A Sílvia, mãe do Carlinhos, aquele filho, a Silvinha.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Quem é? Sílvia Peroba?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– É. Continua.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Olhe, ela esteve em Cuba, eu nunca a vi porque aí sim eu já estava compartimentada, eu não a vi, mas ela, sei lá, houve algum problema come ela em relação ao MOLIPO, em relação, que o Dirceu viveu essa situação com ela, ela até morou na Casa da Cida Horta, mas eu nem conheci.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Está bom, então vai, continua.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Então, foi assim, quer dizer, eu privei com o Joaquim, para mim é Joaquim, não é? Eu privei com o Joaquim, nós chegamos em 1969, eles vieram embora em 1971, eu fiquei, só voltei em 1975, porque tinham muito medo de me mandar por causa do meu defeito achavam que eu ia ser facilmente detectada, como a vida é, não? Que coisa incrível.

Então vim, fiz muitas tarefas, entrei e saí do país várias vezes, clandestinamente, mas eu só vim em definitivo em dezembro de 1975. E aí, quando caiu a maioria dos companheiros eles devolveram o Dirceu para Cuba para salvar alguém da direção, e foi assim que eu e o Dirceu a gente ficou trabalhando juntos sobre o Brasil, com informação sobre o Brasil, porque os cubanos recebiam toda a imprensa brasileira, e a gente processava aquilo, houvesse trabalho a gente trabalhava 11 horas por dia.

Sempre aquela coisa dos companheiros de que a gente tinha que manter bem alta a bandeira deles porque afinal eles não tinham morrido em vão, a gente tinha que continuar, que continuar. A gente em nenhum momento desistiu, não é?

Aí eu voltei em 1975, o Dirceu voltou em 1976, até que veio, a gente continuou trabalhando e se encontrando periodicamente, aí nessas morreu o João Leonardo, eu fui encontrar o João Leonardo, eu ainda estive com o João Leonardo vivo, marquei ponto com o Dirceu, mas nesse ínterim o João Leonardo é morto e ficamos só nós dois, e a gente se encontrava para trocar informações.

Eu fiz bastante trabalho social, tive essa oportunidade de organizar, para mim a palavra chave era organizar, tem que organizar, tem que organizar, organizar porque aí as pessoas percebem que organizadas elas conseguem as coisas.

Então era tudo, era luta por água, por ar, contra rato, por moradia, tudo o que aparecia de luta eu estava lá organizando e não podia dar as caras porque estava mais clandestina do que nem sei, não é?

Então foi um período intenso, eu me encontrava com o Dirceu em outras cidades, ora aqui, ora ali, e até que veio a anistia, não é? E enfim, a gente manteve sempre o nome do MOLIPO, a memória dos companheiros, e o Joaquim merece isso porque afinal ele deu a vida, não é? Ele merece isso.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Então fala um pouco da volta do Joaquim, ou como vocês falam, para o Brasil.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Olha...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Tem esta história contada no dossiê, mas que...

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Olha, era assim.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você preparou a vinda dele? Onde ele tinha, qual era a conexão, por que ele veio para a Amazônia?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR CORBISIER** – Quando, isso é uma coisa que eu vou poder falar nada, porque era assim, quando se resolvia quem ia voltar, a gente ficava todo mundo separado, por segurança. Não era para a gente saber quem ia voltar para onde, muito menos para onde ia voltar, com que nome ia voltar.

Com certeza ele antes não tinha esse nome de João Silvino porque ele tinha aqui um documento da organização e lá os cubanos davam uma documentação ótima para a gente, segura, confiável, sabe? Esse João Silvino aí devia ser uma documentação boa.

Então, aí eu já não sei, eu não sei, até onde eu sei ele voltou com o Boanerges, ou pelo menos ele estava fazendo dupla.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Com Boanerges?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR CORBISIER** – Com Boanerges, não é? Até onde a gente sabe.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– E o Boanerges onde anda?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Boa pergunta. Porque até então, tanto que na minha carta aqui sobre o Ruy que eu mandei para a família eu falo com todas as letras que o Boanerges entregou o Ruy. Hoje o Ivan acha que não, que o, talvez ele tenha falado na, provavelmente falou na tortura, quem não fala? Eu não fui torturada, não ouso julgar ninguém que foi.

Mas o, hoje o Ivan acha que não foi o Boanerges que entregou todo o MOLIPO, porque a gente acha que tinha infiltração, parece que tinha infiltração. Há quem diga que tinha até infiltração entre os cubanos mesmo. Eu acho que não porque, quando eu fui procurar os meus documentos no DOPS, eles não sabem de mim na clandestinidade. Eles só sabem de mim até lá, depois eles não sabem. E se fosse entre os cubanos eles saberiam que eu estava voltando também clandestina.

Outra coisa que eu acho que eu sou a maior prova que tem, esse livro aí horroroso sobre a biografia do Dirceu, fala que o Dirceu seria uma pessoa que teria entregue o MOLIPO. Se ele tivesse entregue o MOLIPO eu não estava aqui, porque ele sabia de mim o tempo todo, absolutamente o tempo todo. Então eu acho que eu sou a maior prova de que isso não é verdade, não é?

Quanto ao Boanerges tem vários fatos esquisitos, vários. Então eu pensei, porque se um morre e o outro fica vivo, que conclusão você tira? Ainda ele foi visto na cadeia e pediu para não dizerem que tinham visto ele. Todo mundo queria que falasse que viu para não poderem matar, não é? E ele fala que não viu?

Agora, com relação à morte do Ruy, eu estou perplexa porque eu estava incorrendo num erro assim complicado. Para mim a Maria Claudia Badan Ribeiro era a pessoa que tinha feito a biografia, a melhor biografia que eu li de companheiros. Ela tinha feito do Ruy, ela entrou em contato comigo por causa desta carta que tinha escrito para a família, eu falei tudo o que eu sabia e podia, que não era tanto assim, enfim, era uma época em que outras pessoas não conviveram com ele, então era importante aquilo.

E no fim não era ela, eu me atrapalhei com o nome, agora eu preciso recuperar quem fez essa biografia porque dá, nos detalhes, como ele foi morto em Natividade, como ele foi enterrado, tudo tem nesse trabalho dela.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– De quem?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR CORBISIER** – Dessa pessoa que eu preciso recuperar porque não foi...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você não tem isso...

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Eu dei para a Amelinha convidar para hoje, ela disse “mas não fui eu que fiz este livro.” Eu me atrapalhei, ela fez outro livro chamado “Mulheres que foram à Luta Armada”, um nome assim. E, mas não é ela, não foi ela quem fez a biografia do Ruy. Eu dei até para ele, não foi Dácio?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Foi.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Eu estou enganada, entende, eu preciso.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – É uma pesquisadora da UNESP de Araraquara. É a pesquisadora, se não me engano da UNESP de Araraquara ou da UNICAMP, não é? Que fez este levantamento bastante detalhado. Eu cheguei até a acessar essa tese na internet, mas deu uma pane no computador e eu perdi e já não lembro mais.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Eu vou.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Espera aí, espera aí. É que tudo aqui gera documento, é o Dácio que está falando. Fala de novo com o sujeito.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Então.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– A tese de quem mesmo, como é?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – A gente não sabe.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – No encontro no Memorial da Resistência, não é? Em homenagem lá a MOLIPO eu conversei com a Ana que me deu essa dica que tinha uma pesquisadora, não é? Que realizou uma tese sobre o Ruy, está certo? Agora eu não me lembro mais do nome dessa pesquisadora e nem da tese e nem da instituição. Eu sei que não era da USP, era ou da UNICAMP ou da UNESP de Araraquara.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Não é a Maria Claudia, eu dei o nome errado para você, e acho que era da UNICAMP, salvo engano. Eu vou tentar recuperar no computador, sabe? Ver se eu recupero porque eu tive acesso a esse texto, é muito bom. Eu acho que tem que ter este texto.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– *Tá*, aí vocês se encarregam de achar isso para a gente?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Achar eu não sei, mas eu vou procurar.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Pesquisar.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– E estes documentos de Cuba estão chegando, vocês vão disponibilizar?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Olha, eles estão com, porque a história foi a seguinte, numa viagem que o Dirceu fez à Cuba com Fernando Morais, os cubanos entregaram para o Dirceu uma mala com todos os nossos documentos. E o Dirceu, naquele momento Fernando Morais estava pensando fazer um livro sobre ou MOLIPO, ou sobre o Dirceu. O Dirceu era ministro ainda.

Aí o Dirceu deixou de ser ministro e o Fernando Morais resolveu fazer o livro sobre o Paulo Coelho. Então o Dirceu passou a tal da mala para o Fernando Morais, mas o Fernando Morais nem abriu, não deu importância, graças a Deus, porque senão teria sido... Teria porque a pessoa mexe, começa virar bagunça.

Eu sei que isso está com a Assessoria do Dirceu, com aquela Maria Alice que trabalha com o Dirceu que é historiadora, e nós fomos atrás e ela disponibilizou um DVD para nós. Então eu tenho um DVD com todo este material. Tem muita coisa com a minha letra, então eu mesma é que tenho que identificar, dizer em que contexto foi feito. Porque a gente fez muito relatório.

Como eu ia e voltava, cada vez que eu voltava eu fazia relatório. Fazia relatório operativo, político, todo tipo de relatório, até sobre a roupa que as pessoas usavam em cada lugar, é engraçado.

Então tem este material. Agora, ali no material tem relatório do Benetasso falando das quedas, então pode ser uma coisa útil, não é? Importante, porque ele faz um relatório político dizendo como, sabe? A situação e tal, porque o MOLIPO foi sendo dizimado, foi dizimado, não é?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– E não tem, a não ser este trabalho do Zé Dirceu iniciou não tem ninguém que está trabalhando o material do MOLIPO?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR CORBISIER** – Então, muita gente já tentou, aquele Abelardo Blanco junto com a Malu Alves Ferreira já quiseram fazer começaram, eles fizeram a lista comigo até ajudei. A lista das pessoas que estavam em cada acampamento, em cada casa, com o seu codinome, o nome que usavam lá, etc.

Aí no fim não deu em nada porque eles precisavam, ia ser um filme e precisa de recursos, aí não tinha, ficou nisso.

O Fernando Morais também pensou, mas não chegou a por na prática eu acho que nada. E agora é o Celso Horta porque o Celso Horta era muito ligado ao Fleuryzinho, coisa que eu nem sabia. Até a gente se encontrou numa Comissão da Verdade lá na PUC que era sobre o Fleuryzinho, não é? Que eu nem conhecia, não cheguei a conhecer, mas que pelo visto era uma pessoa do nível do Benetasso, assim.

Então o Celso Horta está muito interessado nisso. E eu tenho que participar porque sobrou eu, não é? E também porque eu identifico, sabe? O Dirceu tem má memória, o Dirceu não lembra e fora que agora então, nem pensar, não é?

Mas, eu tenho memória ainda melhor que a dele, e eu identifico quando que cada coisa foi feita, em que contexto foi escrito, o que que tem a ver. E a Cida por conta de ter trabalhado com Benetasso. Então nós duas temos que tocar isso, entendeu.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– *Tá*. Então para ir sintetizando e encaminhando. Tem uma tese sobre o Ruy, não é? Que é uma pesquisadora de uma universidade, isso aí é uma coisa importante para a gente.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Superimportante super. Elas falaram, o Rodrigo falou e a Regina numa Poliane. Eu não me lembro deste nome, entendeu? Mas pode ser que tenha sido essa pessoa que me procurou. Vocês têm acesso a esse trabalho dela?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Essa Poliane.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Amelinha, vem para a Mesa, aqui.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Chegou a conversar com todos nós.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Espera aí. Dácio, Dácio.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Foi lá conversar tal. Aproveitou uma fase de permanência do Kiyoshi aqui no Brasil também. Teve uma longa conversa e depois foi me procurar no tempo que eu ainda trabalhava no Anglo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Dácio desculpa, eu estou tão cansado que eu mesmo olhando para a pessoa às vezes eu me perco. Quem que, repete a frase, por favor.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – A Poliane.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– A Poliane.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Está certo? Que é uma moça lá de Natividade, tinha um envolvimento estranhíssimo com a figura do Ruy, não é? A impressão que passava é que ela estava apaixonadíssima, não é? Pelo Ruy porque falava dele com um entusiasmo assim, não é? De físico até, não é? E não foi isso Kiyoshi? Não te passou essa impressão?

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Sim, sim. A Poliane ela está fazendo uma tese, não é? Ela está juntando material e fazendo entrevistas e conversou comigo, conversou com o Dácio, conversou com a Regina.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Para mim ela disse que estava fazendo um documentário, que chegou até...

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Era um trabalho que...

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Entrevistar o Zé Dirceu, tudo filmado.

**O SR. KIYOSHI KADIKARU** – Exatamente. Essa, eu tenho o endereço, o e-mail dela e esses dias eu mandei um e-mail para ela dizendo sobre esse encontro, ela até agradeceu, tal. Eu pensei que ela estivesse aqui, mas ela não veio.

**O SR. RODRIGO BERBERT PEREIRA** – Rodrigo, tem uma história curiosa que ela conta do Ruy lá em Natividade que até surgiu uma lenda urbana dele lá. Que embora o pouco tempo que ele ficou lá na cidade, por isso que acho que ela se interessou e foi buscar isso. Acho que o trabalho dela ia ser uma conclusão de curso e acabou virando algo grandioso que ela nem pensava que ia ser isso.

Que era uma lenda em relação, que falava “o desejado”, que os 3 dias, não sei quantos dias que ele ficou ali, as mulheres da cidade iam visitar ele pela grade, contavam histórias dele na cidade, as próprias mães para as filhas, algo assim. Que ele tinha botas que poderiam subir paredes.

E por esse motivo, pela altura da prisão que ele, por isso que ele conseguiu se suicidar, não é? Digamos assim.

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Regina. Eu gostaria antes, Ana, de não sei se me faltou na hora, não entendi direito, quando você, em 1972 você estava em Cuba, certo? Vocês souberam neste momento da morte do Ruy Carlos?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Olha, a gente sempre sabia porque vinha ou saía publicado no “Gramma”, eu não sabia o nome Ruy Carlos, esse nome não.

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – O Joaquim para vocês já tinha morrido em 1972 mesmo?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Sim, sim.

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Certo, porque é isso que para nós a situação é complicada, não é?

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Porque o Benetasso estava aqui, outros companheiros estavam aqui. Então os companheiros sabiam quem tinha caído, quem não tinha caído, sabe?

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – É mais um problema aqui para o nosso Brasil, não é? Isso. E agora, quanto ao que nós estávamos falando e o Kiyoshi também, sobre a Poliane e que o Rodrigo comentou agora tem uma outra pessoa também, até o meu marido agora me fez lembrar, da Dalila.

A Dalila, ela é uma moça de, atualmente ela deve morar em Goiânia, a Amelinha a conheceu, não é Amelinha? Ela esteve no enterro simbólico do Ruy Carlos lá em Jales. Até nós temos fotos aí. Ela fez, não é? Um comentário, ela foi uma pessoa muito boa mesmo, ela ficou na minha casa.

E o que ela conta é isso. A família dela tinha parente em Natividade e ela passava as férias lá em Natividade. Meu filho, se eu estiver errada em alguma coisa você me fala aí, *tá*? Ela passava as férias em Natividade, então ela soube que tinha um rapaz muito bonito que estava preso e pelas fotos, se alguém tiver interesse de ver nós temos aí, da cadeia pública, era assim uma janela enorme, bem para fora realmente. O meu marido conheceu lá, certo? Meu marido conheceu.

E que eles passavam na frente da cadeia e ficavam olhando para ele, aquele rapaz bonito, quietinho, sem falar nada, certo? E aí, que ela, o problema da paixão até que o Dacinho comentou, e porque nós estivemos junto com ela, entendeu? Ela falou tudo isso pessoalmente para nós, ela esteve na minha casa lá em Jales.

E ela disse que realmente, ela, só que ela o viu pessoalmente, ela se apaixonou por ele, entendeu? Que era, porque ainda mais que é uma região que é um tipo assim de características físicas bem diferentes, e como você disse mesmo, não é, Ana? Não estou só falando como irmã, ele era um rapaz muito bonito realmente, não é? Muito apresentável.

Então ela falou que ela passava ali e ela se apaixonou por ele. Então ela voltou para casa, foi dormir e que no outro dia saiu a notícia que o rapaz havia se matado, se enforcado na prisão. Aí ela ficou desesperada, porque ela falou que foi realmente uma paixão que ela teve à primeira vista por ele, certo? Aí, ela ficou sabendo no outro dia, ficou, foi, ela ficou no enterro dele. Inclusive o meu marido esteve presente lá, não é? Junto com Badan Palhares, certo?

Ela foi, ela fez toda, tentou mostrar onde era o túmulo dele, porque realmente ela lembra tudo, conta tudo, como ele era, até que eles ajudaram a comprar um caixão assim dos mais simples, puseram roupa que ele não tinha roupa para colocar, certo?

Então a Dalila é um depoimento muito importante, certo? A Dalila. Só que nós continuamos tendo contato durante muito tempo, aí chegou um certo momento, o meu pai ainda era vivo.

**A SRA.** - Deixa eu ver.

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – O meu pai ainda era vivo e ele também entrava em contato muito coma Dalila, certo? Só que chegou um momento em que começou assim, a gente tentava entrar em contato com ela e não conseguia mais, entendeu? Nós imaginamos assim, não sei, agora eu estou falando, imaginando a situação que ela foi muito procurada também na época pela polícia e tudo o mais pelo envolvimento ali de 12 horas que ela teve ali com ele, certo?

E ela era até, é, espero que ainda esteja viva, ela é médica veterinária, e o marido parece-me que não estava gostando muito dessa situação, do contato com a família porque aí saiu em jornais, entendeu? Tanto da região de Jales como do Estado. Saiu a foto dela, o depoimento dela, certo? Então a partir daí infelizmente nós não tivemos mais contato com a Dalila, entendeu?

Tentamos já ligar várias vezes, o Moacir, meu marido, esteve com ela, até aí tem todas as fotos, o cemitério tudo. Então ela foi assim, eu acho uma pessoa muito, muito importante e de, com muito amor, ela demonstrou para a gente, entende? Como família, aqui eu não estou nem analisando o problema político, certo?

Porque a minha parte aqui, é lógico que a gente está inserida dentro do contexto político, não resta dúvida, mas eu acho que o papel nosso aqui mais é mostrar o sofrimento da família, não é? A família com tudo aquilo que aconteceu, com essa pergunta que eu fiz para a Ana. Então realmente eles já sabiam dele em 1972, da morte dele, certo? Então a Dalila para nós é uma coisa importantíssima.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Você acha que ela era um contato político dele?

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Não, não. De jeito nenhum! Foi, não, não. Não teve contato nenhum, nenhum, nenhum.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Então *tá*.

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Totalmente apolítico.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– A Amelinha vai falar. Deixa eu perguntar uma coisa ou para a Amelinha ou para Corbisier ou para Dácio. O Márcio Beck Machado e a Maria Augusta Thomaz, todo mundo sabe o jeito que eles chegaram lá e como eles foram achados, não é? Amelinha, você sabe como é que o Ruy foi parar lá?

**A SRA. AMELINHA TELES** – Não, isso eu não sei. Olha, Amelinha Teles.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– E como é que acharam ele lá?

**A SRA. AMELINHA TELES** – Não. Amelinha Teles. O que a Dalila contou para nós, não é? E acho que ela contou com muita coerência. Eu acho que aquilo foi muito verdadeiro. Chegou, Natividade naquela época era em Goiás, hoje é em Tocantins. Uma cidadezinha desse tamanhozinho, chega um homem completamente diferente dos homens da cidade, daquela cidade porque ele era um homem bonito.

Eu lembro de ela falar da calça jeans que ele usava, que aquilo devia ser assim o máximo nos anos, imagine em 1971, 1972. Quem tinha uma calça jeans era, não é? Eu acho que ela nunca tinha visto um homem tão bonito como aquele, ela tinha 15 anos de idade. Tem que levar em conta isso, essa menina tinha 15 anos. Eu lembro dela contando.

Então, nossa ela ficou apaixonada, ele foi para uma pensão na cidade. Ele estava numa pensão e ela ficou apaixonada por aquele homem. Ela passava pra lá, para cá olhando aquele rapaz, e quando no outro dia ela ficou sabendo, no outro dia ou naquele mesmo dia mais tarde ele foi preso.

Agora, eu tenho a impressão independente, deve ter infiltrado, deve ter gente enfim, toda essa história eu não conheço, não é? Mas eu acho que ele chamou muita atenção, inclusive da própria polícia. E foi, naquele momento lá não tinha só a polícia local, já tinha Operação Bandeirantes. A Operação Bandeirantes entrou em ação.

E como é que ela conta isso? Ela no outro dia, todo mundo falou que ele se suicidou, ela inclusive disse que eles montaram mesmo uma cena, não é? Tinha uma cena. Eu até perguntava muito para ela, mas gente como que eles montaram a cena dele enforcado?

A delegacia, o Moacir foi lá, não é? Depois, deve ter visto melhor, mas a impressão que tinha é que ela tinha uma grade e as pessoas que passavam na rua viam quem estava preso lá. E naquele dia ela viu ele enforcado lá. Não sei se, ela viu. E ela ficou impressionada com aquilo, toda a cidade ficou, uma cidadezinha desse tamanho todo mundo fala.

E tinha muita gente da polícia e não era só gente local. Porque tinha helicóptero, eles foram lá para fazer uma guerra por causa de um rapaz. Eles fizeram uma guerra. E ela conta isso porque ela conhecia, apesar de ela estar de férias, ela ia sempre de férias lá porque era janeiro, não é? Ela estava de férias da escola e ela ia sempre lá e todo mundo conhecia todo mundo. Não era com os caras de lá. Até ela, parece que ela ouviu um comentário que era gente de São Paulo que estava lá pegando ele.

E aí vão enterrar ele. Quando vão enterrar, ela acompanha, ela acompanha os policiais, ela vai sozinha e eles pegam ela e prendem ela. Ela foi presa, ela foi presa e submetida, ela não fala em tortura, espancamento, mas ela fala do interrogatório porque eles acharam que ela tinha uma ligação com ele política. Ela nem estava sabendo nada de política.

Ela até brinca, não é? Ela falava que ela era noiva dele sem nunca ter namorado com ele, ela era a noiva dele e era viúva sem nunca ter casado com ele. Ela gostou dele. Ela falou assim, "um homem desse", então ela seguiu tanto é que ela seguiu e viu o local onde ele teria sido sepultado.

E quando, anos depois, voltaram lá o Moacir e outros mais e médico legista e tudo, não conseguiram localizar os restos mortais do Ruy naquele local que provavelmente eles podem ter retirado como eles fizeram da Maria Augusta também, não é? Então pode ter feito isso, mas ela conta com muitos detalhes tudo aquilo e ela foi no dia do enterro simbólico. Eu acho muito importante destacar esse enterro simbólico e destacar o papel do *seu* Ruy, do pai. Eu, como sou da Comissão de Familiares, eu conheci seu pai lá na luta pela anistia.

Ele ia lá na Bela Vista que era o Comitê, o CBA, Comitê Brasileiro pela Anistia, ele ia lá falar do Ruy. Eu conheci o Ruy, parece até que eu conheço o Ruy, nunca vi o Ruy, mas eu conheço por causa do *seu* Ruy. Porque o *seu* Ruy falava com toda veemência da importância do filho dele e ele valorizava o filho dele.

E era muito engraçado porque quando ele começava a contar tudo o que ele fazia, a gente tinha muita amizade, eu sempre fui muito, porque ele gostava de conversar e eu gosto muito de ouvir as histórias. E ele falava assim, tinha um comício da ARENA lá na cidade, ele ia, tinha um comício do MDB também ele ia. Ele ia em todos os comícios políticos da cidade para denunciar a morte do filho.

Porque ele era muito eloquente, não é? Ele falava muito bem, o *seu* Ruy. Eu acho que esse interesse do Ruy Carlos Filho pela política se deu pelo exemplo do pai. Ele era um político, ele animava a gente naquela luta, naquela busca de mortos e desaparecidos. Ele punha a gente assim, ele era um agitador político, ele um cara muito interessante, não é?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Amelinha?

**A SRA. AMELINHA TELES** – E aí.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Lê essa carta.

**A SRA. AMELINHA TELES** – Essa carta é do Ruy, não é? Então, ele, esse. Não, eu queria falar o seguinte, antes de ler essa carta. Eu queria lembrar o seguinte, que o *seu* Ruy um dia ligou e nós não encontramos as ossadas do Ruy Carlos Vieira Berbert.

Ele é desaparecido político do ponto de vista dos direitos humanos, do ponto de vista internacional, do ponto de vista jurídico, ele é um desaparecido político.

Mas o que o *seu* Ruy fez? Ele um dia ligou para mim e falou assim, "você tem tal dia assim, assim para o sepultamento do Ruy". Eu falei, como que eu vou no sepultamento do Ruy? Pensei, como, se não tem as ossadas? Ele falou, "não. Pode vir que vai ter o sepultamento." Eu achei tão interessante.

Aí ele falou assim,"eu explico quando você chegar aqui, vem aqui primeiro", não foi? Então fui eu lá para Jales, cheguei lá já estava todo montado, gente! E a primeira coisa que, olha eu cheguei cedinho, cheguei ele me levou na casa dele. Ele foi me buscar lá na rodoviária, me levou na casa dele, chegou lá, ele me levou no quarto do Ruy, que o quarto do Ruy estava lá tudo certinho.

Inclusive até o sapato, eu me lembro do sapato do Ruy, a roupa, tudo. Ele tinha deixado lá, e ele tinha, e ele falou assim, "algumas peças eu coloquei na urna, é isso, nós vamos fazer esse enterro, mas ninguém, não era para comentar que aquele enterro era apenas simbólico.

Não sei se você lembra disso Regina, ele falando, não é? Ele falava isso, eu falei nossa, que engraçado, eu achei tudo muito louco, não é? Eu até escrevi um texto que depois eu mandei para vocês, “o sepultamento inusitado” porque para mim foi, uma coisa, a importância desse ato, desse ritual para a sociedade humana, não é?

Nunca eu vi, é.

**O SR.**– ele procurou o Badan Palhares e pagou do próprio bolso lá ....realmente fomos lá e tinha e tinha 6 da equipe dele, pegamos o avião em Campinas e fomos lá para Natividade realmente nós ficamos lá 3 dias, procurou em todo o cemitério lá

**A SRA. AMELINHA TELES** – E não conseguiu

**O SR.**– a Dalila

**A SRA. AMELINHA TELES** – A Dalila foi junto, é.

**O SR - ...** mais ou menos os passos lá...

**A SRA. AMELINHA TELES** – Não, ele fez todo, é, ele fez todo o esforço possível, o impossível, eu diria que impossível. Mas eu vejo o seguinte, como a importância do sepultamento, de você ter o corpo. Quando eu falo, e olha que eu sou familiar de desaparecido, eu lido com várias reações das pessoas, mas a do *seu* Ruy, gente! Aquela capacidade de ter um objetivo e esse objetivo eu vou fazer, eu vou realizar esse sepultamento. Eu assustei quando ele ligou para mim, ele ainda mandou pelo correio um convite, porque naquele tempo não tinha internet assim, não é?

Eu fui lá no sepultamento, no sepultamento e ele me mostrou antes a sala, aliás o quarto e depois, gente! Nós fomos na Câmara, e era um feriado nacional, você lembra? feriado municipal, na cidade. Ele conseguiu isso, ele parou a cidade de Jales.

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Isto nós devemos muito também, Amelinha, ao Moacir.

**A SRA. AMELINHA TELES** – Se o Moacir, o Moacir era da prefeitura, mas eu estou dizendo assim, o empenho desse homem. Claro que muita gente ajudou ele. Foi assim, um sepultamento e depois ele terminou, gente, o sepultamento, na hora que foi do sepultamento, até a Globo estava lá.

Ele terminou e a gente sempre faz aquela palavra de ordem “Companheiro Ruy Carlos Berbert, presente, agora e sempre”. Eu falei sozinha porque lá o povo não sabia que tinha que acompanhar para falar. Então fiquei falando sozinha. O Rodrigo lembra, o Rodrigo era um menino.

Aí o que aconteceu? Ele falou assim, “vai com Deus, meu filho”, ele foi lá junto e falou “vai com Deus, meu filho”, falou aquilo em voz bem alta. Termina o ritual com ele falando desse jeito, olhando para aquele túmulo que tinha, ele tinha um túmulo e ele enterrou ele ali. Foi uma coisa assim impressionante, impressionante, não é?

E eu, eu queria dizer isso porque tudo isso que vocês estão falando me veio a pessoa do Ruy, do Ruy pai, e o Ruy filho, evidentemente, que ele construiu merecidamente um filho herói, ele construiu isso, não é? Na memória de todo mundo, não é? Ali em Jales. A criançada toda foi, você lembra que tinha um centro de, como é que fala? Um diretório acadêmico, centro acadêmico, enfim. Um diretório de estudantes com nome de Ruy Carlos Vieira Berbert que eu acho que até hoje tem este nome, não é? Até hoje tem este nome.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Eu gostaria de dar um esclarecimento sobre o porquê que mataram ele, não é? Porque até onde a gente sabe, a gente teve uma informação que nós seríamos todos mortos.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Fica aí Amelinha, espera um pouquinho. Fica aqui, eu sei que, nós vamos terminar, mas queria que eu estou te pedindo.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – É rapidinho.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Amelinha, eu estou te pedindo, fica aqui, por favor. Fala.

**A SRA. ANA CERQUEIRA CÉSAR** CORBISIER – Que diz que as Forças Armadas, a repressão dizia que nós teríamos que ser todos exterminados porque a gente era cabeça lavada, que todo mundo que tinha treinado em Cuba, que tinha estado em Cuba não mudava de ideia, não tinha jeito, que tinha que matar.

E também que, a partir de um certo momento houve uma ordem para se aparecesse alguém estranho em qualquer cidade pequena, que deveria ser capturado.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Está bom. Seguinte, eu vou, Dácio, você também quer falar alguma coisa?

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Eu só queria acrescentar.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Espera aí, deixa eu só .

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Bastante importante sobre o Ruy.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Não, não, eu vou te dar. Nós, temos que encerrar daqui a pouquinho esta sessão, então o Dácio vai falar, a irmã do Ruy, desculpa, deu um branco. A Regina vai falar, vai ler uma carta e eu queria pedir uma coisa.

É o seguinte, nós temos um projeto aqui na Comissão que o Rodrigo até está se propondo a gravar, é gravar o Ruy na primeira pessoa. Evidentemente que ele é muito novo e também é parente, é sobrinho, tem dificuldade de construir a trajetória histórica gigantesca, é muita responsabilidade.

Então eu queria pedir para o Dácio e para a Aninha Corbisier para fazer um texto que eu acho que poderia ajudar também, quem foi o Ruy, para ele gravar na primeira pessoa.

**A SRA**. - Eu tenho o texto, está aqui, eu passo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Está pronto? Aí o, se você tiver qualquer dificuldade Rodrigo, você pede e a gente faz, era para gravar hoje, como eles vieram de longe, o estúdio estava à disposição para gravar hoje, mas não tem problema, isso não tem problema.

Então você conclui o texto e quem puder contribuir mesmo pela internet, pode pedir ajuda para a Amelinha, para a Thaís, para a gente gravar o Ruy e o Rodrigo vai fazer na primeira pessoa, está bom? Uma coisa, uma história, é uma coisa importante que tem uma repercussão, vai para o Brasil inteiro e é uma coisa muito importante que está repercutindo aqui na Comissão, *tá*? Estou pedindo.

Então, o Dácio fala.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – A respeito de...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– A Regina fecha.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – Dácio, a respeito desse interesse que o Ruy manifestou sobre a vontade de abandonar o curso de Letras e ir para a Economia.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Fala no microfone, por favor.

**O SR. DÁCIO ANTONIO DE CASTRO** – A Zilda e o Suyama que são nossos bons companheiros lá do CRUSP, não é? Disse o seguinte, no segundo semestre de 1968 o DISP da ALN, que estava em processo de formação, encarregou o Paulo Sandroni de dar um curso sobre Economia no CRUSP. A Zilda disse que não lembra bem, mas acha que o Ruy estava lá, participou deste curso.

As aulas eram dadas à noite lá no CRUSP para grupos de 10 e 20 pessoas, por fim, a Zilda conclui que o curso que ela fez foi excelente e acabou também despertando o interesse dela por Economia. A Zilda é historiadora, não é?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Obrigado, Dácio. Pena que a Zilda e o Suyama hoje não podem falar, mas vamos lá. Então vamos encerrar, tem uma carta que o Ruy escreveu de Roma, você já leu, não é? Já leu tudo.

Eu fico até envergonhado.

(Risos.)

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Regina.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Regina.

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Eu tenho em mãos uma carta escrita pelo Ruy Carlos, inclusive é lógico, eu reconheço a letra e tudo o mais. E nós também já tivemos um bilhete muito rápido escrito, a gente percebia que era tudo correndo, mas que infelizmente no momento difícil em que meu pai também passou uma noite também preso. E ele acabou também ficando com muito receio e ele acabou é rasgando este bilhete.

Agora essa carta, nós morávamos em Regente Feijó, mas depois que minha mãe aposentou, ela, nesse momento eu estava já em Assis fazendo faculdade e eles mudaram para Presidente Prudente. Então aqui, inclusive o envelope está no nome da minha mãe e para o endereço de Presidente Prudente.

E aqui ele colocou até ali, um adendo:“enviei esta carta para Regente porque me esqueci do endereço de Prudente” porque aqui, este que seja agora que eu não me fiz entender direito, não é?

Aqui está o endereço de Presidente Prudente, mas porque o carteiro de Regente como conhecia o meu pai, colocou o endereço aqui e mandou para Presidente Prudente, certo? Porque aí na hora que nós abrimos a carta que ele escreveu. “Enviei esta carta para Regente porque me esqueci do endereço de Prudente”, certo?

“*Ininteligível.*Roma, 1969. Espero que tudo esteja bem por aí, cheios de saúde. A Regina está estudando bastante? Penso que agora com a aposentadoria da mamãe os dois velhos poderão aproveitar um pouco passeando bastante. Pena que não poderei estar aí. Estou com bastante saudades de vocês, no entanto não poderei vê-los tão cedo, pois estou viajando pela Europa.

Tive uma grande oportunidade para isso. Viajo com um grupo de pesquisadores e meu trabalho é de corrigir e ajudá-los a escrever seus documentos e teses científicas. Meus parcos conhecimentos de gramática estão me ajudando muito, foi uma oportunidade que me caiu do céu. Atualmente estou na cidade eterna, Roma.

É realmente uma cidade maravilhosa, é praticamente impossível vocês escreverem para mim, pois fico pouco tempo em cada lugar. Agora, por exemplo, já estou de partida para Madrid. Fiquei muito sentido por não ter podido despedir-me de vocês, infelizmente tive que sair do Brasil rapidamente, pois fui avisado da minha escolha para a viagem na última hora.

No princípio pensei que viajaríamos para a América, pela América Latina, depois para meu gosto os países escolhidos foram da Europa. Tenho todas as minhas despesas pagas e ainda um dinheirinho extra para as 'minhas farras', estou muito contente. Não estou tendo problemas de saúde.

As italianas são o fino, o único problema é que não consigo dar conta de todas. Estou ansioso para ir até Paris, possivelmente depois de Madrid irei até lá. Só não pensem que é muita moleza, tenho que trabalhar bastante. É claro que tenho tempo suficiente para passear, mas assim mesmo não viajo como turista.

Deem lembranças para o nosso rol de amigos. Possivelmente quando receberem esta já estarei na Cidade Luz, Paris. Quando voltar terei muitas coisas que contar, estou completamente deslumbrado pelo Velho Mundo.

Ficarei uma boa temporada viajando, só quero que fiquem sabendo que estou bem. Será muito difícil escrever-lhes sempre, mas sempre penso em vocês com carinho. Em breve talvez possa escrever-lhes novamente, por enquanto é só. Um abraço para todos. Ruy Carlos.”

(Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Vamos lá. Então, eu queria agradecer Dácio, por ter proposto e organizado tudo isso aqui. Vamos lá Amelinha. Amelinha.

**A SRA. AMELINHA TELES** – Nós vamos agradecer a todas as pessoas que estiveram aqui hoje, não é? Na recuperação da memória do Ruy Carlos Vieira Berbert e damos então por encerrada a sessão.

(Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Aninha, só queria falar ainda o seguinte, o Suyama sempre que pode está recomendando, sugerindo, discutindo conosco, não é? Temos aqui o Tenente Paz e os dois companheiros, os militares reprimidos, Cabral. Só para vocês terem uma ideia, o Tenente Paz, o Cabral fizeram uma sessão com o Coronel Silvestre aqui, que estava encarregado de barbarizar no dia da Batalha da Maria Antônia e o Coronel Silvestre se negou.

Então o que eu queria dizer, Aninha, a sua contribuição é muito importante. Se você com essa disponibilidade, essa sua capacidade de organização, o Dácio com esse dossiê fantástico, se vocês puderem, porque aqui a Comissão é muito difícil, não é? E como a Nacional tem todos aqueles problemas que todo mundo sabe que aquilo lá virou um problemão ao invés de solução virou um problema, aqui está virando, tudo está vindo para cá.

Então eu queria falar duas coisas antes de terminar que, a gente recuperasse essa biografia do Ruy, não é? Isso é uma coisa fundamental, biografia quer dizer, essa autobiografia de 10 minutos sei lá de um jeito. Hoje o Juca Kfouri conseguiu fazer do primo dele, do Norberto Nehring. O Juca criou coragem e veio aqui e fez um pequeno texto de 3 minutos e gravou na primeira pessoa.

Então, o Ruy é uma pessoa, um personagem fantástico, e eu acho que vale a pena a gente recuperar e fazer uma síntese da vida dele para isso ficar gravado, não é? Então, no mais queria agradecer, nós precisamos ir embora mesmo, Kiyoshi, meu irmão, quando eu entrei na Geologia, quem me fez a recepção foi o Kiyoshi e o Queiroz e outros companheiros lá. Mas o Kiyoshi estava no trote, estava saindo, mas me recepcionou.

Então você imagina como é importante. Bom, fala. Fala no microfone, por favor. Não fica de costas, fica de frente, fica de frente, por favor. Fique aqui ao lado da sua esposa, por favor, é importante.

**O SR.**– Não, eu fiquei admirado hoje.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Tem 2 câmeras, por favor, se você não ficar magoado, aí fica a sua imagem gravada ali em frente.

**O SR**. - Eu só queria citar o seguinte, desde que nós começamos a lutar, depois que o Ruy foi embora eu descobri o que o *seu* Ruy queria. Eu estou admirado, não estou na frente do senhor, não estou querendo puxar nem nada, mas eu admirei porque eu só vi três caras brigarem por esse grupo, Nilmário Miranda, Nacional porque foi o único que eu vi em termos de Brasília a fazer alguma coisa foi o Nilmário Miranda, e realmente não deram respaldo para ele, você sabe que não tinha.

A outra foi a Erundina em São Paulo que montou uma equipe, reuniu todo mundo e foi um negócio muito espetacular que eu vi e agora, depois de muito tempo que nós estamos, estou vendo o senhor fazer este trabalho aqui em São Paulo e eu estou admirado e meus parabéns.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Muito obrigado. Muito obrigado. É que o grupo de São Paulo aqui, desde a Amelinha, obrigado pelas suas palavras, mas a Amelinha, o Ivan e toda essa turma que está, mesmo os mais jovens, é um pessoal da maior seriedade e nós temos todo este apoio de voluntariado impressionante aqui, que está dando apoio e cobertura para a gente.

Porque a Comissão da Verdade é uma das coisas mais importantes que ocorreu no Brasil nos últimos anos e a Comissão Nacional, embora a gente torça dia e noite para ela dar certo, ela está enfrentando grandes problemas, grandes problemas, não é?

Então, aqui em São Paulo nós estamos tentando sobreviver e manter essa, porque você imagina se a Comissão da Verdade acaba os trabalhos e não apresenta nada, nenhuma proposta, nenhuma investigação. Aí é tudo o que os caras, os torturadores vão querer para dizer “olha, os caras fizeram Comissão da Verdade e não provaram nada, não acharam nada, é tudo política”.

**O SR. MOACIR** – Para mim não é ninguém, José Carlos Dias *ininteligível* da ... há 25 anos atrás desde que eu e o *seu* Ruy fomos lá no escritório dele num destes encontros que nós fizemos aí de teatro, porque é outra cabeça, o encontro dele foi, assim, nós fomos, foi a maior tristeza do mundo. José Carlos Dias falou, “olha, só que eu preciso cobrar para fazer esse trabalho e queria cobrar, não sei, na época eu nem sei quanto que era, 10 mil, não era nem reais ainda, era um absurdo.

Eu e o *seu* Ruy saímos muito tristes porque é um cara que é da Comissão da Verdade hoje, eu falei não é Comissão porque não tem nada que, é tinha interesse particular, então não era interesse para ajudar os amigos.

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – Já que o Moacir falou, Regina, ele citou agora um nome do Idibal Piveta, certo? Eu acho que nós também não podemos, não é nos esquecer do Dr. Idibal porque ele também já esteve, ele foi no enterro simbólico do Ruy Carlos, ele ficou na minha casa, ele se hospedou na minha casa. Uma pessoa maravilhosa que fez tudo, tudo, tudo. Tudo o que ele pôde fazer como advogado e como ser humano...

**O SR. MOACIR** - Não cobrou nada!

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – O que eu acho mais importante que tudo, e realmente, ele nada, nada! Para não dizer, o meu pai muito humildemente comprou um litro de uísque bom e deu de presente para o Dr. Idibal em agradecimento a tudo, tudo, tudo. E ele apresentou como César Vieira, não é? Que ele é teatrólogo, ele apresentou a peça e falou, sabe o que eu quero de vocês? Eu quero que vocês levem a minha peça para Jales, e nós conseguimos com mais de 300, 400 pessoas que ele fosse para Jales e apresentasse a peça dele. Obrigada gente.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– O Idibal, César Vieira, como é que ele chama? O Idibal estreou uma nova peça maravilhosa sobre a FEB, Força Expedicionária Brasileira, belíssima.

Então, quer dar um presente para ele? Convida ele para ir para Jales e apresentar essa peça nova, muito bonita. Chama “A cobra vai fumar”.

**A SRA. REGINA VIEIRA BERBERT** – "A cobra vai fumar".

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT**– Que é do Símbolo, da FEB, não é? Aquela cobra com cachimbo. Então convida que ele vai ficar contente, está bom? Muito obrigada. Chega.

(Palmas.)

A sessão está encerrada.

 \* \* \*